

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO  
AGÊNCIA PAULISTA DE TECNOLOGIA DOS AGRONEGÓCIOS  
INSTITUTO DE PESCA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AQUICULTURA E PESCA

**Mulheres na pesca: caracterização da atividade de beneficiamento de camarão em duas comunidades pesqueiras do Sudeste do Brasil sob a perspectiva de gênero**

Jéssica Garcia Rodrigues

**Orientador:** Domingos Garrone Neto

**Coorientadora:** Ingrid Cabral Machado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Pesca - APTA/SAA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Aquicultura e Pesca

**Santos – 2021**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO  
AGÊNCIA PAULISTA DE TECNOLOGIA DOS AGRONEGÓCIOS  
INSTITUTO DE PESCA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AQUICULTURA E PESCA

**Mulheres na pesca: caracterização da atividade de beneficiamento de camarão em duas comunidades pesqueiras do Sudeste do Brasil sob a perspectiva de gênero**

Jéssica Garcia Rodrigues

**Orientador:** Domingos Garrone Neto

**Coorientadora:** Ingrid Cabral Machado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Pesca - APTA/SAA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Aquicultura e Pesca

**Santos – 2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborada pelo Núcleo de Informação e Documentação. Instituto de Pesca, São Paulo

R611m Rodrigues, Jéssica Garcia  
Mulheres na pesca: caracterização da atividade de beneficiamento de camarão em duas comunidades pesqueiras do Sudeste do Brasil sob a perspectiva de gênero / Jéssica Garcia Rodrigues – Santos, SP, 2021.  
vii; 73f; il.

Dissertação (mestrado) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Aquicultura e Pesca do Instituto de Pesca – APTA - Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

Orientador(a): Domingos Garrone Neto Coorientadora: Ingrid Cabral Machado

1. Pesca de pequena escala. 2. Trabalho informal. 3. Relações de gênero na pesca.  
I. Neto, Domingos Garrone. II. Título.

CDD 323.3

Permitida a cópia parcial, desde que citada a fonte – O autor

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente à minha coorientadora Ingrid Cabral Machado, pela oportunidade de desenvolver esse trabalho, por me proporcionar esse desafio intenso de me aprofundar nas questões de gênero no universo da pesca artesanal. Agradeço por ter me acolhido nesses dois anos, principalmente nos momentos de dúvidas e inseguranças e pela enorme contribuição ao meu desenvolvimento profissional. E certamente sou muito grata pela experiência humanizada para além do academicismo que construímos na relação entre orientadora e orientada.

Agradeço ao meu orientador Domingos Garrone Neto, por ter aceito o desafio dessa orientação em um seguimento diferente de sua área. Agradeço por toda atenção dedicada, pela parceria e prontidão no suporte desse trabalho.

À minha mãe Maristela, meu alicerce, que sempre esteve ao meu lado me dando forças, suporte psicológico e muito amor para seguir em frente.

Ao meu companheiro Rene, que me apoiou durante todo o processo de todas as formas, com muito amor, me instigando a buscar sempre os melhores resultados, dividindo as preocupações, sempre me escutando, sendo compreensivo e me apoiando com ideias para aprimorar minha trajetória.

Agradeço as mulheres (camaronetes) que fizeram parte desse estudo, que me receberam e confiaram em mim para dividir suas trajetórias, em especial a D. Inês, pescadora há mais de 25 anos, um ser humano com um coração lindo que me acolheu em seu ambiente e me ajudou imensamente demonstrando as demais trabalhadoras que poderiam confiar em mim, sem ela a realização desse trabalho seria mais trabalhosa. Eu fui privilegiada por ouvir suas histórias e vou carregar as lições de vida que aprendi nas duas comunidades para sempre comigo. Muito obrigada, guerreiras!

Aos meus amigos Bruno, Giam, Ivan, Lucas, Marcel e Larissa, que de alguma forma me ajudaram e me apoiaram não somente na execução desse trabalho, mas ao longo da minha jornada acadêmica, a vocês minha eterna gratidão.

À rede de mulheres pesquisadoras da pesca, que através dos nossos encontros me ajudaram a enxergar a pesquisa sobre gênero na pesca de uma forma mais humana. Eu aprendi e continuo aprendendo muito com nossa rede, com certeza vocês foram um dos melhores presentes de 2020. Meu agradecimento especial a Dra. Luceni Hellebrandt que foi a primeira pesquisadora a tecer essa rede e assim, permitiu que tantas mulheres incríveis, de tantos lugares do Brasil pudessem realizar trocas de conhecimentos extraordinários.

Agradeço aos professores que me ajudaram de alguma forma, ensinando ou dando sugestões, em especial a Ana Carolina Talamoni, que sempre me deu suporte desde a graduação e contribuiu imensamente como membro da banca de qualificação desse trabalho. Agradeço também ao Ocimar Pedro, por toda ajuda e companheirismo em inúmeras situações durante todo o mestrado. À todas e todos que contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho.

Muito Obrigada!

## **SUMÁRIO**

AGRADECIMENTOS.....	iv
SUMÁRIO.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT .....	vii
RESUMO GRÁFICO.....	viii
INTRODUÇÃO GERAL .....	9
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	10
CAPÍTULO 1 .....	11
INTRODUÇÃO .....	12
MATERIAL E MÉTODO .....	15
Área de estudo .....	15
Contextualização .....	16
RESULTADOS .....	20
Caracterização socioeconômica .....	20
Caracterização laboral .....	23
DISCUSSÃO .....	28
CONCLUSÃO .....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	39
CAPÍTULO 2 .....	45
INTRODUÇÃO .....	46
MATERIAL E MÉTODO .....	49
RESULTADOS .....	50
Rio do Meio.....	50
Perequê.....	55
DISCUSSÃO .....	60
CONCLUSÃO .....	65
AGRADECIMENTOS .....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
ANEXO.....	70

**Mulheres na pesca: caracterização da atividade de beneficiamento de camarão em duas comunidades pesqueiras do Sudeste do Brasil sob a perspectiva de gênero**

**Women in fisheries: characterization of the post-harvest processing of shrimp in two fishing communities of Southeastern Brazil from a gender perspective**

Trabalho a ser enviado a Ocean & Coastal Management

Jéssica Garcia Rodrigues<sup>a,b</sup>, Ingrid Cabral Machado<sup>b</sup>, Domingos Garrone Neto<sup>c</sup>

<sup>a</sup> Programa de pós graduação em Aquicultura e Pesca - PPGIP

<sup>b</sup> Instituto de Pesca APTA/SAA Santos, SP, Brasil

<sup>c</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Registro, SP, Brasil

Highlights

- As condições socioeconômicas e laborais das interlocutoras refletem um quadro de vulnerabilidade social decorrente da ausência de reconhecimento profissional.
- A análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) permitiu demonstrar representações sociais de um ser empírico coletivo a partir das relações de gênero na pesca.
- É necessária a implantação de políticas públicas de gênero no setor pesqueiro brasileiro.

## RESUMO

As comunidades costeiras dependentes da atividade de pesca têm papel fundamental no desenvolvimento econômico sustentável de muitos estados do Brasil. Considerando a atual conjuntura, que envolve as condições estabelecidas na cadeia produtiva de pesca artesanal e os diversos estudos sobre pesca e gênero, ainda são escassas as ferramentas de estudo que possibilitem avaliar a dimensão das questões que envolvem gênero e representatividade na pesca artesanal, deixando uma lacuna na compreensão da importância dos papéis desenvolvidos entre gêneros na pesca. Desse modo, esse estudo teve como objetivo, realizar a caracterização do perfil socioeconômico e das condições laborais das mulheres que trabalham no descasque de camarão (*Xiphopenaeus kroyeri*), além de debater questões sobre o reconhecimento da mulher na pesca artesanal, contribuindo para a ampliação do conhecimento científico e para balizar a construção de políticas públicas para o setor pesqueiro. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas às mulheres trabalhadoras da cadeia da pesca artesanal em duas comunidades pesqueiras da Baixada Santista, litoral de São Paulo, onde o contexto de vulnerabilidade social das trabalhadoras é evidente. Para a análise dos resultados, utilizamos o método de análise “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC), o qual permite a descrição de expressões e opiniões coletivas sobre o tema abordado. Os resultados demonstraram que a parcela de mulheres envolvida nas etapas de beneficiamento do pescado é significativa e relevante para o desenvolvimento da cadeia produtiva do camarão das localidades estudadas, sendo possível observar a invisibilidade do trabalho exercido por estas mulheres. Além da precarização do trabalho, observamos que as mulheres que trabalham no beneficiamento do camarão não se denominam pescadoras e não se percebem como parte importante no ciclo de pesca. Logo, as desigualdades entre gêneros no setor pesqueiro corroboram com a construção de identidade de um único gênero nessa atividade, designadamente masculina. Identificamos, portanto, a necessidade da inclusão de políticas de gênero na pesca, com o intuito de promover a equidade de direitos entre homens e mulheres e a inclusão social do gênero feminino na pesca

**Palavras-chave:** Pesca de pequena escala, trabalho informal, relações de gênero na pesca, divisão sexual do trabalho, igualdade de gênero.

## ABSTRACT

Coastal communities dependent on fishing activity have a fundamental role in the sustainable economic development of many states in Brazil. Considering the current conjuncture, which involves the conditions established in the artisanal fishing productive chain and the various studies on fishing and gender, there are still few study tools that make it possible to assess the dimension of issues involving gender and representativeness in artisanal fishing, leaving a gap in understanding the importance of gender roles in fishing. Thus, this study aimed to characterize the socioeconomic profile and working conditions of the women who work in the shrimp peelers (*Xiphopenaeus kroyeri*), in addition to the discussion of questions about the recognition of women in artisanal fishing, contributing to the expansion of scientific knowledge and to the construction of public policies for the fishing sector. We applied semi-structured interviews to women workers in the artisanal fishing chain in two fishing communities in the Baixada Santista, coast of São Paulo, where the context of social vulnerability of the workers is evident. For the analysis of the results, we used the method of analysis “Discourse of the Collective Subject” (DSC), which allows the description of expressions and collective opinions on the topic addressed. The results demonstrated that the share of women involved in the fish processing stages is significant and relevant for the development of the shrimp production chain in the studied locations, being possible to observe the invisibility of the work performed by these women. In addition to the precarious work, we observed that women who work in the processing of shrimp do not call themselves fisherwomen and do not perceive themselves as an important part of the fishing cycle. Therefore, gender inequalities in the fishing sector corroborate the construction of a single gender identity in this activity, namely male. We therefore identified the need to include gender policies in fishing, in order to promote equal rights between men and women and the social inclusion of women in fishing.

**Keywords:** Small-scale fishing, fisherwomen, gender relations in fishing, sexual division of labor, gender equality.

## RESUMO GRÁFICO / GRAPHICAL ABSTRACT



## INTRODUÇÃO GERAL

A ideia dessa pesquisa surgiu a partir de uma série de desconfortos que tangenciam as relações de gênero na pesca. Ser estudante e executar minha pesquisa dentro de uma comunidade pesqueira durante a graduação, me despertou um olhar holístico sobre as interações sociais que permeiam a atividade de pesca. Tais desconfortos tiveram início nos primeiros contatos que tive com os pescadores das comunidades com as quais interagi anteriormente em meu trabalho de conclusão de curso, em 2017. Nesse trabalho, investiguei a percepção socioambiental dos pescadores artesanais de duas comunidades (Monte Cabrão, Santos-SP e Perequê, Guarujá-SP) segregadas socioespacialmente para compreender de que forma e há quanto tempo as comunidades percebem os impactos das mudanças climáticas na pesca, e se o fato de estarem segregadas socioespacialmente tem influência nessas percepções. Estar ali entrevistando a comunidade me fez refletir sobre a importância que eu dava para as respostas das mulheres em comparação às dos homens. Percebi que eu, mulher, estudante e pesquisadora, não direcionava minha atenção às mulheres, que exerciam os mesmos trabalhos que os homens.

A divisão de tarefas de acordo com o gênero dentro de uma comunidade pesqueira é perceptível quando se observa de perto a diferença entre os trabalhos que são realizados por homens e mulheres. No entanto, é importante enfatizar que essas diferenças não ocorrem apenas em nível de comunidade. Andrade *et al.* (2019) refletem essa problemática quando descrevem: “[...] Não se trata de uma característica apenas das comunidades pesqueiras, mas de toda a sociedade que vivencia um tensionamento dessas discussões, uma vez que para equilibrar as relações de poder, historicamente desiguais, há uma ‘perda’ dos que vêm ao longo dos anos beneficiando-se dessa discrepância”.

A partir dessas considerações, decidi acompanhar a narrativa de mulheres como essas, que ficam às margens do ciclo de pesca e também da sociedade de forma geral, invisibilizadas de diversas maneiras dentro da cadeia produtiva, as descascadeiras de camarão. Para tanto, nesse trabalho busquei aprofundar a atenção e a sensibilidade em relação ao contexto em que estão inseridas essas trabalhadoras. Para compreender a importância do trabalho que as mulheres desempenham na pesca e me aproximar de suas realidades, que são múltiplas, foi preciso desenvolver um olhar para a pesquisa sob as lentes de

gênero. O desafio foi pensar além da produção de resultados e futuros artigos e, para isso, foi preciso ouvir os relatos com atenção. Foi uma escuta pesada, pois as vivências colocadas em palavras e em silêncios refletiram a necessidade de outros tipos de engajamento para além do saber científico.

A prática de observação em campo não implica em objetificar os seres envolvidos na pesquisa, mas sim no aprendizado. A intenção não deve ser a redução das pessoas a dados, apenas como fonte de coleta de informações; a experiência em campo deve ser um engajamento direto que desperte no pesquisador/observador habilidades de percepção e sensibilidade com o que está à volta (INGOLD, 2016).

A questão norteadora desse trabalho foi ampliar as narrativas sobre as relações de gênero na pesca, principalmente no âmbito de políticas públicas. Em relação à legislação pesqueira do Brasil, Hellebrandt (2017) identifica que a mulher não é percebida pelo Estado e, ainda, que o termo “mulher” não aparece na legislação pesqueira. Portanto, para que esse apagamento da mulher não se perpetue nas tomadas de decisão para políticas públicas do setor, engajamo-nos a demonstrar através da ciência, sob a perspectiva de gênero, a relevância da mulher em seus diversos papéis na cadeia produtiva da pesca de pequena escala.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- de Andrade, D. A., Jucá, R. L. C., & Mont, T. C. (2019). **Uma reflexão sobre as mulheres pescadoras brasileiras a partir do pensamento descolonial.** *Dom Helder Revista de Direito*, 2(4), 65-87.
- Hellebrandt, L. (2017). **Mulheres da Z3: o camarão que “come” as mãos e outras lutas: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca.** 173 f. *Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.*
- Ingold, T. (2016). **Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia.** *Educação*, 39(3), 404-411.

## **Capítulo 1**

**Mulheres na pesca: perfil socioeconômico e condições laborais das beneficiadoras de camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) em duas comunidades no Município de Guarujá- SP**

## INTRODUÇÃO

A pesca artesanal é uma atividade extrativista na qual os pescadores exploram o ambiente aquático para o uso de recursos naturais de forma característica e mantém uma gama de interações diversificadas diretamente com o ambiente (RAMIRES *et al.*, 2007). Considerando que a pesca artesanal é uma das atividades produtoras de alimentos mais antigas exercidas pelo homem e que, portanto, proporcionou, ao longo dos anos, um vasto conhecimento ecológico, é possível afirmar que essa ampla experiência contribui para o desenvolvimento econômico e social das populações costeiras (DIEGUES, 1993). É importante enfatizar, ainda, que as atividades de pesca artesanal estão relacionadas também a aspectos culturais. Deste modo, o conjunto de regras estabelecidos por costumes ou leis adotadas deve fornecer o acesso aos recursos pesqueiros de forma sustentável, não comprometendo os estoques e que, ainda, deve gerar postos de trabalho, permitindo que costumes, crenças e aspectos culturais sejam transmitidos a partir de gerações (KALIKOSKI *et al.*, 2009).

Souza & Guedes (2016) descrevem que no século XIX os homens predominavam a esfera pública e o mundo do trabalho ou mundo produtivo. Às mulheres estava reservada o protagonismo na esfera privada, com o exercício de funções não remuneradas, ligadas ao “cuidar” da família, incluindo o bem-estar de todos, a educação e a formação moral das crianças – atividades pertencentes à esfera de reprodução social da família e da comunidade. Segundo esses autores, a partir do século XX, com mudanças no cenário socioeconômico e movimento feminista, transformações culturais modificaram essa dicotomia. As mulheres passaram cada vez mais a ter acesso ao mundo produtivo, mas sem modificação profunda no papel do homem no mundo reprodutivo, que continuou ao encargo das mulheres (SOUZA & GUEDES, 2016).

Em uma comunidade pesqueira, o conceito de divisão de funções apresenta acentuada bipolaridade entre gêneros. Ao homem pescador é atribuída a função produtiva da família, ou seja, o trabalho de captura embarcado. As funções atribuídas às mulheres que não embarcam são relacionadas às atividades reprodutivas, como trabalho doméstico e educação

dos filhos (SILVA *et al.*, 2011). As etapas pré e pós-captura estão normalmente sob responsabilidade das mulheres dessas comunidades. Entretanto, são designadas mais como um auxílio aos pescadores homens, do que uma divisão de funções efetivas na cadeia produtiva de pesca (GALVÃO, 2013).

BRUSCHINI (2006), aponta que a divisão sexual do trabalho implica em um estreitamento do vínculo entre os trabalhos remunerados e não remunerados. No âmbito de desenvolvimento econômico, os trabalhos que são limitados domesticamente dificultam a inserção da mulher no mercado de trabalho, o que pode invariavelmente gerar conflitos sociais em nível de comunidade (HARPER *et al.*, 2018). Negligenciar as atividades desenvolvidas por mulheres na pesca basicamente privilegia a construção da identidade de um único gênero sobre essa atividade, designadamente masculina (HARPER *et al.*, 2017; BRANDFORD & KATIQUIRO, 2019).

Para que haja o reconhecimento da profissão da mulher pescadora em uma comunidade de pesca artesanal no Brasil é necessário levar em consideração alguns aspectos que envolvem a problemática. Por exemplo, a regularização do RGP (Registro Geral da Atividade Pesqueira, que consiste em um documento oficial federal de habilitação profissional da atividade pesqueira), a inserção social de mulheres no trabalho embarcado, os benefícios sociais que lhes cabem, a participação na produção pesqueira, jornada de trabalho, remuneração e conflitos sociais (WOORTMANN, 1991).

Os problemas que envolvem o cadastramento de pescadores no RGP são recorrentes e a dificuldade de recadastramento têm afetado centenas de pescadores e pescadoras. Esse problema ocorre desde 2014, mas acirrou-se principalmente após o Decreto nº 8.967 de 23 de janeiro de 2017 que dispõe “[...] sobre os critérios para inscrição no Registro Geral da Atividade Pesqueira, sobre a concessão do benefício de seguro-desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional artesanal que exerce sua atividade exclusiva e ininterruptamente” (BRASIL, 2017). O referido decreto revogou o reconhecimento da categoria de trabalhador e trabalhadora de apoio à pesca artesanal, a saber: “pessoa física que, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, exerce trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de

pesca, de reparos em embarcações de pesca de pequeno porte ou atua no processamento do produto da pesca artesanal” (texto presente no Decreto 8.425, de 31 de março de 2015). Esta alteração exclui do reconhecimento como “atividade pesqueira” todas as atividades que envolvem o processo de atividade pesqueira artesanal, como por exemplo, confecção de apetrechos de pesca e beneficiamento do pescado. As atividades pesqueiras são reduzidas apenas à atividade de captura. Sendo assim, benefícios previdenciários como o seguro-defeso ficam cada vez mais distantes da realidade das mulheres da pesca. Na prática, a política pública do seguro-defeso passa a beneficiar apenas uma parcela dos profissionais do setor: os homens pescadores (HELLEBRANDT *et al.*, 2016; DE SOUZA *et al.*, 2018).

Embora haja estudos sendo realizados em alguns estados do Brasil, como Rio de Janeiro (FONSECA *et al.*, 2016; RODRIGUES *et al.*, 2018), Santa Catarina (BECK, 1991; GERBER, 2015), Rio Grande do Sul (HELLEBRANDT *et al.*, 2017), Pará (DE SOUZA *et al.*, 2018) e Tocantins (ARAÚJO & PARENTE, 2016), o estado de São Paulo possui menor quantidade de estudos com foco em conflitos relativos à desigualdade entre gêneros e inserção da mulher na cadeia produtiva de pesca em relação à outros estados. Para além de literaturas não convencionais, um estudo realizado por de Azevedo *et al.*, (2019, p. 247), descreve as atividades realizadas por mulheres na atividade pesqueira no município de Ubatuba - SP. Nesse estudo os autores discutem que o trabalho feminino realizado de forma não organizada, ou seja, sem associativismo específico para mulheres, é considerado “invisível” e permanece às margens de ações públicas. Sendo assim, este trabalho teve o objetivo de estudar o papel da mulher na atividade pesqueira artesanal da Baixada Santista em duas comunidades. Os objetivos específicos do trabalho foram:

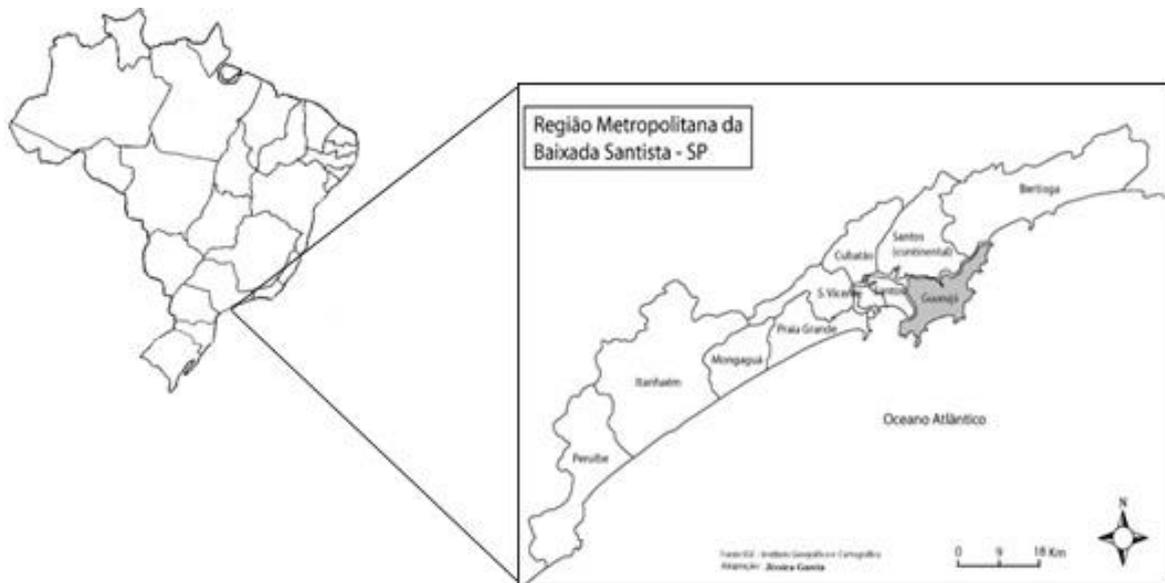
- Caracterizar socioeconomicamente as mulheres que atuam no beneficiamento do camarão-sete-barbas em duas comunidades no município de Guarujá - SP.
- Caracterizar as condições laborais, o papel desempenhado e identificar se há o reconhecimento do trabalho feminino nessa cadeia da pesca.

## MATERIAL E MÉTODO

Esse capítulo está estruturado em duas etapas: 1) caracterização do perfil socioeconômico e 2) caracterização das condições laborais.

### Área de estudo

Duas comunidades da Baixada Santista (litoral centro de São Paulo) foram selecionadas para o estudo, ambas localizadas no Município de Guarujá (Figura 1). Para a escolha dessas comunidades, buscamos contextos em que a presença de mulheres na atividade pesqueira se mostrou relevante e, ainda, contextos em que a vulnerabilidade social das trabalhadoras é evidente. As comunidades escolhidas (Figura 2) foram a do Rio do Meio, localizada no Bairro Vila Lygia (-23.993755, -46.287651"W), e a comunidade do Bairro Balneário Praia do Perequê (-23.934902, -46.182651"W).



**Figura 1.** Região Metropolitana da Baixada Santista no Estado de São Paulo, composta pelos municípios: Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente. Adaptado de IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico).



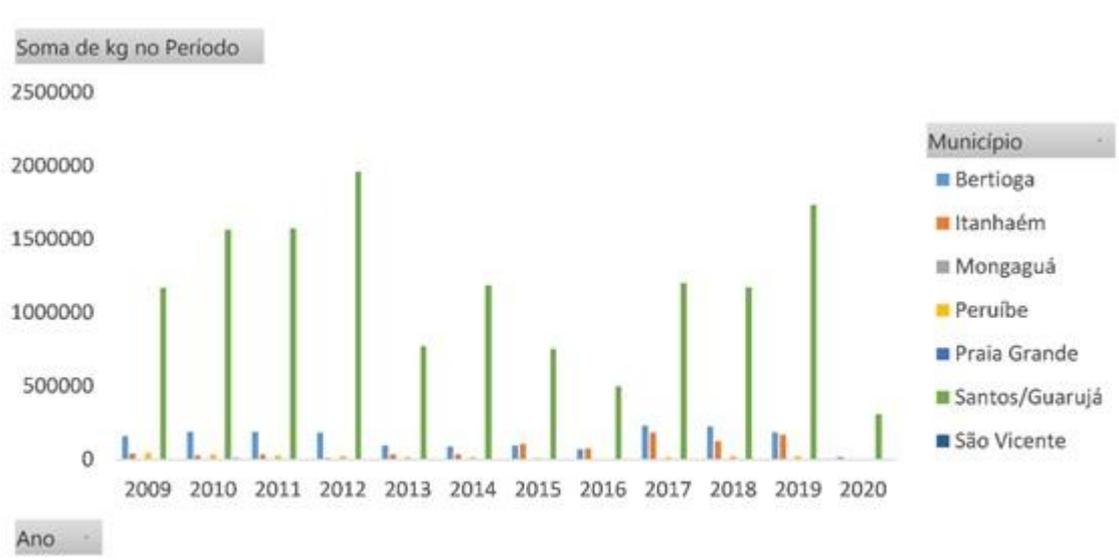
**Figura 2.** Localização das duas comunidades no Município de Guarujá- SP. Fonte: Google Earth (acessado em novembro/2020).

### **Contextualização**

As frotas de arrasto voltadas à pesca de camarão que operam na zona costeira do estado de São Paulo desde 1960, exercem uma das atividades mais importantes para a economia do setor pesqueiro no litoral sudeste do Brasil, tendo como principais espécies-alvo o camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) e o camarão-rosa (*Farfantepenaeus brasiliensis*) (GRAÇA-LOPES *et al.*, 2018). Dessa forma, as áreas de estudo foram escolhidas de acordo com a identificação das comunidades que dependem direta ou indiretamente da pesca do camarão-sete-barbas *X. kroyeri*, tratando-se de uma pescaria costeira considerada de pequena escala (GRAÇA-LOPES *et al.*, 2018).

Os municípios de Santos e Guarujá são os principais produtores do camarão-sete-barbas (*X. kroyeri*) na região metropolitana da Baixada Santista

(Figura 3), sendo esta pescaria uma das que mais emprega mão de obra das mulheres na fase de beneficiamento do pescado. As comunidades do Rio do Meio e do Perequê concentram um grande número de “salgas”, que são pequenas unidades de beneficiamento, especializadas principalmente no descabeçamento e descasque do camarão-sete-barbas. Considerando as diversas tarefas e particularidades dentro da cadeia produtiva de pesca artesanal, é importante enfatizar que o beneficiamento do camarão faz parte das atividades que as trabalhadoras dessa pescaria desenvolvem na dinâmica da pesca de pequena escala (MARTÍNEZ & HELLEBRANDT, 2019, p.198).



**Figura 3.** Desembarque de camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) nos municípios da Baixada Santista, Litoral Centro de São Paulo. Fevereiro/2009 a fevereiro/2020. Fonte: propesq.pesca.sp.gov.br.

A seleção das informantes foi realizada através do método “Bola de Neve” (GOODMAN, 1961), no qual uma interlocutora ao final de sua entrevista indica outra para ser entrevistada e assim sucessivamente, até que não existam novos nomes, ou redundância de informações, permitindo o encontro de “especialistas nativos” (BARBOSA FILHO *et al.*, 2014; RAMIRES *et al.*, 2015). Essa pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES (Parecer: 4.020.257).

Os primeiros contatos para viabilizar a coleta de dados foram feitos em dezembro de 2018, primeiramente com os donos das salgas. Trata-se de um empreendimento equipado com pouca tecnologia, porém, eficaz o suficiente para agregar valor ao produto (SOUZA *et al.*, 2010). Esse primeiro contato teve como objetivo realizar um reconhecimento de campo. Em ambas as comunidades (Rio do Meio e Perequê), as entrevistas aconteceram dentro das salgas, durante o expediente. Na comunidade do Rio do Meio, os primeiros contatos com alguns donos de salgas, para inserção no ambiente de trabalho, ocorreram por intermédio de um pesquisador do Instituto de Pesca de Santos. Na comunidade do Perequê, tivemos o auxílio do representante da Associação de Pescadores do Perequê (ASPE), o qual nos apresentou aos donos e as donas das salgas presentes na comunidade.

A escolha de entrevistar trabalhadoras atuantes nas salgas, partiu da concepção do importante papel que essas unidades de processamento assumem na dinâmica econômica da comunidade, visto que muitas famílias dependem exclusivamente da renda proveniente desses estabelecimentos (SOUZA *et al.*, 2018). Além disso, é o local onde as mulheres envolvidas na etapa do beneficiamento do pescado estão presentes em maior número (FAO, 2017). Através do método adotado, obteve-se a indicação e o consentimento para a entrevista de 24 mulheres no Rio do Meio e 10 no Perequê.

A pesquisa de abordagem quali-quantitativa privilegiou a aplicação de técnicas como entrevistas semiestruturadas (LAKATOS, 1996) e observação no período entre junho de 2019 a novembro de 2019. A escolha do método de entrevistas semiestruturadas partiu da intenção de promover interações entre as entrevistadas e a pesquisadora, com o intuito de gerar respostas espontâneas sobre o assunto (BONI & QUARESMA, 2005). O questionário foi dividido em duas partes, as quais abordaram os seguintes eixos temáticos: Parte A - Perfil socioeconômico, condições de vida e caracterização do trabalho; Parte B - Percepções de trabalho, a qual é abordada no capítulo 2 desse trabalho.

Na comunidade do Rio do Meio, o número de salgas indicadas foi sete, mas conseguimos permissão para entrar e realizar as entrevistas em cinco. O número de trabalhadoras foi indicado segundo dados dos cadernos de presença pelos donos das salgas (homens), totalizando 40 descascadeiras. Embora se buscasse entrevistar a totalidade de trabalhadoras, o número amostral foi 24

porque algumas se recusaram a participar. No Perequê, o número de descascadeiras foi indicado pelo representante da Associação dos Pescadores do Perequê (ASPE), totalizando cerca de 15 a 20 trabalhadoras. Nessa comunidade, nos foram apresentadas três salgas, dentre as quais, duas são geridas por mulheres e uma por homem. Tivemos permissão para entrar apenas nas duas onde a gestão é feminina. Portanto, o número total de entrevistas obtidas foi dez.

Os dados foram classificados e ordenados para analisar as prevalências das caracterizações socioeconômicas e laborais das descascadeiras. Posteriormente, os dados foram tabulados em planilhas eletrônicas, organizados de acordo com os temas e dispostos em tabelas.

## RESULTADOS

### Caracterização socioeconômica

A Tabela 1 traz os dados referentes à caracterização do perfil socioeconômico das entrevistadas das duas comunidades (Rio do Meio e Perequê), com o intuito de demonstrar a realidade das condições de vida das trabalhadoras.

**Tabela 1.** Perfil socioeconômico das beneficiadoras das comunidades do Rio do Meio (n=24) e Perequê (n=10). Guarujá – SP, junho a outubro de 2019. (E.M: ensino médio; E.F: ensino fundamental; EJA: educação para jovens e adultos).

<b>Perfil socioeconômico</b>	<b>Rio do Meio</b>	<b>%</b>	<b>Perequê</b>	<b>%</b>
<b>Faixa etária</b>	18 – 28	25%	18 – 28	20%
	29 – 39	27%	29 – 39	33%
	40 – 50	18%	40 – 50	40%
	51 – 61	20%	51 – 60	7%
	61 – 71	10%		
<b>Dependentes</b>	0	21%	0	50%
	1	21%	1	10%
	2	33%	2	20%
	3	17%	3	20%
	4	8%		
<b>Escolaridade</b>	E. M Completo	13%	E. M completo	20%
	E. M incompleto	25%	E. M incompleto	10%
	E. F incompleto	63%	E. F incompleto	50%
			Cursando EJA	20%
<b>Motivo de abandono dos estudos</b>	Gravidez – filhos	66%	Gravidez – filhos	48%
	Ajudar a família	33%	Ajudar a família	32%
<b>Pesca como única fonte de renda</b>	Sim	88%	Sim	80%
	Não	13%	Não	20%

<b>Igualdade de salário entre homens e mulheres na pesca</b>	Sim	25%	Sim	30%
	Não	58%	Não	70%
	Não sei	17%		
<b>Participação em órgão de representação</b>	Sim	17%	Sim	30%
	Não	83%	Não	70%
<b>Condições de moradia</b>	Energia elétrica registrada	46%	Energia elétrica registrada	20%
	Energia elétrica clandestina	54%	Energia elétrica clandestina	80%
<b>Local de moradia</b>	Bairros do entorno	63%	Comunidade	100%
	Comunidade	38%		
<b>RGP</b>	Sim	8%		
	Não	83%	Sim	30%
	Não ativo	4%	Não	70%
	Protocolo	4%		
<b>Carteira de trabalho assinada</b>	Sim	8%	Sim	10%
	Não	92%	Não	90%
<b>INSS</b>	Sim	17%	Sim	10%
	Não	83%	Não	90%
<b>Renda mensal</b>	Alta temporada		Baixa	
	R\$ 1200,00 - 1400,00	50%	temporada - R\$ 300,00 - 600,00	55%
	Baixa temporada		Alta temporada	
	R\$ 400,00 - 800,00	45%	R\$ 1000,00 - 1300,00	45%
	Salário Fixo R\$ 1700,00/mês	5%		

Na comunidade do Rio do Meio foram entrevistadas três funcionárias fixas com carteira assinada, em salgas diferentes. Portanto, a porcentagem que se

refere às mulheres com carteira assinada e com direitos assegurados junto ao INSS está especificamente relacionada a essas funcionárias.

A faixa etária predominante no Rio do Meio esteve entre 29 e 39 anos. As mulheres com idade superior a 60 anos (10%) afirmaram ser aposentadas e trabalharem na atividade para complementar a renda. A maior parte (63%) das trabalhadoras era de baixa escolaridade, com ensino fundamental incompleto. A mesma porcentagem de entrevistadas (63%), não mora exatamente na comunidade, mas nos bairros do entorno. Constatamos, ainda, que mais de 80% das mulheres entrevistadas têm a atividade pesqueira como única fonte de renda. Quando questionadas sobre os ganhos na pesca, essas afirmaram que na atividade do beneficiamento, de descabeçar e descascar o camarão, os homens ganham o mesmo que as mulheres, entretanto, nesta comunidade, observamos apenas um homem realizando esse trabalho ao lado das mulheres, nas salgas.

O perfil socioeconômico das mulheres da comunidade do Perequê, indicou que a faixa etária predominante (40%) está entre 40 e 50 anos e que não há mulheres com mais de 60 anos trabalhando no beneficiamento. Todas dependem da atividade, no entanto, 20% não têm a pesca como única fonte de renda, a outra atividade mencionada foi a venda de artesanato. Ainda que haja outra atividade que gere renda, a pesca foi citada como a atividade principal de todas as informantes.

Embora as atividades pesqueiras na comunidade do Perequê sejam direcionadas principalmente à captura do camarão-sete-barbas (GRAÇA LOPES *et al.*, 2018), o número de salgas existente no local é menor em comparação ao Rio do Meio. Em conversa com o representante da Associação dos Pescadores do Perequê (ASPE), o mesmo informou que não há muitas salgas no local, logo, o número de mulheres que trabalha descabeçando o camarão é reduzido nessa comunidade (cerca de 15 -20). As mulheres dessa comunidade trabalham em diversos locais como bancas de venda de pescados frescos e filetagem de peixe. Entretanto, nosso enfoque foram as salgas e, por isso, nossa amostragem consistiu em um total de 10 entrevistadas.

As condições de moradia e subsistência das pescadoras das duas comunidades refletem um contexto de vulnerabilidade social, visto que 54% das mulheres não possuem energia elétrica registrada na comunidade do Rio do

Meio. Além disso, o número de dependentes que não possuem renda é um fator que exemplifica a realidade vivida por pelo menos 33% das pescadoras. Portanto, essa porcentagem de mulheres sustenta suas casas sozinha, um fato que somado a baixa remuneração dificulta o suprimento das suas necessidades financeiras. As condições de moradia e infraestrutura da comunidade do Perequê demonstraram um contexto ainda mais agravado de vulnerabilidade social, visto que os dados referentes as condições de moradia mostram que 80% das entrevistadas não possui energia elétrica registrada. Ademais, 50% das informantes moram em palafitas, estruturas de moradia sem qualquer cobertura de saneamento básico; são moradias muito precárias adaptadas à realidade local.



**Figura 4.** Imagens do local onde estão localizadas as palafitas na comunidade do Perequê. Foto: Jéssica Garcia Rodrigues

### **Caracterização Laboral**

Nesta etapa, buscamos identificar e compreender as semelhanças e diferenças nas condições laborais entre homens e mulheres, no contexto da divisão sexual do trabalho na atividade pesqueira de beneficiamento de camarão-sete-barbas.

Usualmente, os homens atuam em etapas diferentes das mulheres na pesca e os ganhos se diversificam de acordo com a atividade. Nas salgas, observamos que a maior parte do quadro de funcionários fixos é composta por homens e, segundo relatos das entrevistadas, todos possuem carteira assinada com um salário fixo e benefícios. Nesse sentido, as funcionárias que também têm registro em carteira e foram entrevistadas, afirmaram que mesmo exercendo

as mesmas funções que os homens, os salários são distintos, com os homens recebendo pelo menos o dobro. As funcionárias relataram, ainda, que exercem trabalhos de “cuidado” com o ambiente, por exemplo, ao chegarem nas salgas, são elas que limpam o local, preparam refeições e fazem compras de utensílios domésticos, produtos de limpeza, alimentos etc. A tabela 2 demonstra as condições laborais das descascadeiras das duas comunidades (Rio do Meio e Perequê).

**Tabela 2.** Condições laborais das beneficiadoras das comunidades do Rio do Meio (n=24) e Perequê (n=10) no período de junho a novembro de 2019.

<b>Condições Laborais</b>	<b>Rio do Meio</b>	<b>%</b>	<b>Perequê</b>	<b>%</b>
<b>Tempo que trabalha na atividade em anos</b>	(-) 5	25%	(-) 5	40%
	5 – 10	17%	10 – 20	20%
	15 – 20	42%	(+) 30	40%
	(+) 30	17%		
<b>Problemas de saúde decorrente do trabalho</b>	Sim	17%	Sim	50%
	Não	83%	Não	50%
<b>Direitos</b>	INSS	8%	INSS	10%
	Nenhum	88%	Nenhum	90%
	Aux. Maternidade	4%		
<b>Assistência em caso de acidente de trabalho</b>	Dono da salga	29%		
	Ninguém	50%	Dona da salga	90%
	Companheiras de trabalho	13%	Comunidade	10%
	Não sei	8%		
<b>Estimativa de produção (por semana)</b>	250 -500 kg (alta temporada)	60%	70– 200 kg (alta temporada)	45%
	45 –100 kg (baixa temporada)	40%	20- 60 kg (baixa temporada)	55%

Embora o trabalho de descabeçar ou descascar o camarão seja informal e pouco reconhecido, muitas mulheres entrevistadas no Rio do Meio (59%) atuam na atividade há pelo menos 15 anos e afirmaram que se trata de um trabalho flexível, porém, extremamente cansativo. Quando questionadas sobre quais direitos usufruíam por serem trabalhadoras da pesca, 88% responderam que não há direitos. Exceto uma entrevistada que relatou ter recebido uma única vez o benefício referente ao “salário maternidade”, um direito que foi viabilizado por sua associação. Em suma, os relatos indicaram que não há o reconhecimento legal pelo trabalho desenvolvido nessa etapa da cadeia produtiva de pesca. Em caso de acidente de trabalho, em suas respostas, as entrevistadas afirmaram que praticamente não há amparo, exceto 29% que responderam com incerteza que, “acham que o dono da salga ajudaria”. Entretanto, não houve relato de alguém que já tenha necessitado ou usufruído de tal assistência.

Observamos que a estimativa de produção apresenta uma variação sazonal. No período de alta temporada (junho e julho) que ocorre nos meses procedentes ao período de defeso do camarão-sete-barbas (01/março – 31/maio), a quantidade de pescado que é produzido aumenta significativamente. A renda pelo quilograma do camarão varia entre R\$1,30/kg (baixa temporada) e R\$1,70/kg (alta temporada) e essa oscilação de valores acontece devido a disponibilidade de mão de obra. As mulheres com maior produtividade, cerca de 25% no Rio do Meio e 20% no Perequê, conseguem produzir aproximadamente 150 kg por semana ou mais durante a temporada, podendo gerar uma renda média de R\$900,00 a R\$1.300,00 reais ao mês. Entretanto, as demais trabalhadoras não conseguem produzir essa quantidade e, no período de baixa temporada, constatamos que 23% delas se sustentam com cerca de R\$400,00 ao mês

Quando questionadas sobre a igualdade de salários entre homens e mulheres na pesca, 70% das entrevistadas afirmaram que os ganhos não são os mesmos; os homens recebem maiores valores pelas atividades pesqueiras. No Perequê, não havia homens trabalhando no beneficiamento do pescado, as respostas tiveram como base outras atividades do setor. A porcentagem de mulheres que participam de algum órgão de representação e que possuem o

RGP são correspondentes, 30%. Essas mulheres que têm o RGP são majoritariamente as que atuam há mais tempo na atividade e têm idade igual ou superior a 50 anos; as mais jovens relataram muita dificuldade em adquirir o registro. Em ambas as comunidades, a maior parte (83%) das trabalhadoras informais também não fazia parte de órgãos de representação como colônias e associações. O motivo pelo qual as trabalhadoras não têm interesse em participar das entidades representativas é devido, segundo os relatos, ao fato de não haver benefícios em ser associada. Além disso, a obtenção do RGP não seria facilitada pelo fato de se associarem, portanto, não há incentivo à participação ativa das trabalhadoras.

No Perequê, apenas uma das entrevistadas é funcionária fixa com carteira assinada. Assim, os dados da tabela 2 referentes aos direitos provenientes do INSS correspondem exclusivamente a essa trabalhadora. As demais entrevistadas são trabalhadoras informais, as quais não possuem direito algum quanto ao trabalho desenvolvido nas salgas. As mulheres dessa comunidade trabalham há mais tempo na atividade – 40% atuam no beneficiamento do camarão-sete-barbas há mais de trinta anos. Uma parcela de 50% desenvolveu algum problema de saúde devido a atividade, dentre estes, lesões por esforço repetitivo como bursite e tendinite e problemas relacionados à coluna. Em casos de acidente de trabalho, 90% afirmaram que a dona da salga presta a devida assistência e 10% relataram que a própria comunidade presta ajuda.

Para caracterizar os dados de produção no Perequê, a amostra foi composta por nove mulheres, considerando que há uma funcionária fixa e sua renda não é paga por produção. Portanto, 55% das descascadeiras afirmaram que produzem cerca de 20 a 60 Kg por semana e 20% (mulheres mais jovens) produzem cerca de 70 a 200 Kg por semana no período de alta temporada.

A remuneração pela atividade do descabeçamento do camarão no Perequê foi de R\$ 1,30/kg, igual à da comunidade do Rio do Meio. No entanto, os dados demonstraram que as condições socioeconômicas e de moradia das trabalhadoras da pesca dessa comunidade são de extrema vulnerabilidade social. Metade das entrevistadas (50%) mora em palafitas, estruturas escoradas por madeiras construídas sobre o manguezal em terreno alagadiço e solo instável. O local não conta com infraestrutura urbana, as mulheres (50%) que

afirmaram morar nessas condições relataram, ainda, que não há água encanada, coleta de lixo e rede de esgoto.

## DISCUSSÃO

O propósito desse trabalho foi fornecer dados inéditos sobre o perfil socioeconômico e condições laborais das mulheres que trabalham na etapa de beneficiamento do camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*). Buscamos preencher as lacunas de informação sobre gênero que envolvem a dinâmica do trabalho feminino no setor pesqueiro da Baixada Santista no estado de São Paulo.

Considerando todas as etapas da cadeia produtiva de pesca artesanal que englobam os trabalhos exercidos na pré-captura (confecção e reparos de rede), captura do pescado, pós-captura (processamento e comercialização) (ROCHA, 2011; FIGUEIREDO & PROST, 2014 p. 83;) e a presença de mulheres em todas essas etapas, o foco do estudo foi no beneficiamento do pescado por se tratar da etapa onde as mulheres estão presentes em maior número, representando cerca de 90% da força de trabalho (FAO, 2017; HARPER *et al.*, 2017; NUNAM & CEPIĆ, 2020; FAO, 2020). A parcela de mulheres envolvidas no beneficiamento do pescado que foram entrevistadas para esse estudo está inserida em um contexto de informalidade do trabalho. Apenas quatro mulheres possuíam registro em carteira em um total de 34 entrevistadas, somando as duas comunidades (N = 24 Rio do Meio e N = 10 Perequê).

As mulheres que atuam na etapa de beneficiamento estão comumente ligadas a informalidade do trabalho. HIRATA (2002) descreve o trabalho informal como “[...] frequentemente instável, sem possibilidades de avanços na carreira e com direitos sociais limitados ou inexistentes”. Em nosso estudo, a informalidade do trabalho apresentou uma ligação direta com o contexto de vulnerabilidade social vivido pelas entrevistadas. As descascadeiras de camarão que trabalham de maneira informal nas salgas, transformando e agregando valor ao pescado como produto final, não são reconhecidas como trabalhadoras da pesca, apesar do importante papel que desempenham para o setor (GOPAL *et al.*, 2020). Essa falta de reconhecimento está intrínseca na legislação, já que o Estado não considera a força de trabalho feminina na pesca como uma atividade legalmente profissional, mas como uma extensão dos afazeres domésticos, uma ajuda informal (SILVA & LEITÃO, 2012; DI CIOMMO & SCHIAVETTI, 2012; FRANGOUEDES & GERRARD, 2019).

A falta de reconhecimento legal das mulheres na pesca pode ocasionar a subrepresentatividade das mesmas no setor pesqueiro. Nesse contexto, Gissi *et al.* (2018) fazem uma reflexão muito importante a respeito de preconceitos de gênero e subrepresentatividade. Os autores evidenciam que sem representação significativa de mulheres na gestão de pesca, a interação dos humanos com o oceano é afetada diretamente, dessa forma, o quadro de relações socioecológicas de ecossistemas marinhos torna-se incompleto.

O fenômeno (subrepresentatividade) pode estar relacionado a diversos fatores, sendo um deles o baixo nível de escolaridade da maioria (ZHAO, 2013). Nesse seguimento, as informações sobre o nível de escolaridade na comunidade do Rio do Meio, as quais 63% das entrevistadas têm o ensino fundamental incompleto, corroboram com o que foi apontado por Zhao (2013), demonstrando que o baixo nível de escolaridade interfere nas oportunidades de trabalho. Assim como relatou uma das trabalhadoras: *“Eu queria um emprego fichada, mas eles querem quem já tem experiência. Eu tenho 35 anos, não terminei o terceiro ano, eles não dão oportunidade pra quem não terminou os estudos. Quem mora em favela não tem oportunidade. Só de falar que a gente mora em favela a gente já é discriminada”* (A.R. 35).

Alguns estudos em comunidades onde a atividade de pesca é predominante no Brasil, identificaram a baixa escolaridade como uma causa que interfere nas oportunidades de trabalho (RAMIREZ *et al.*, 2012; LIMA *et al.*, 2012). Nesse sentido, Zhao (2013) expõe em seu trabalho uma comparação entre mulheres que trabalharam no setor de processamento do pescado no Reino Unido (UK), uma parte nascida no leste europeu e a outra na Inglaterra. O grupo de estrangeiras precisou abandonar os estudos antes de completar o ensino médio para cumprir responsabilidades de cuidados domésticos e infantis. Já as mulheres nascidas na Inglaterra, apesar de algumas limitações financeiras, conseguiram progredir no setor pesqueiro quando aumentaram seu nível de escolaridade.

Nesse contexto, o percentual de mulheres que abandonaram os estudos para trabalhar e cuidar da família em ambas as comunidades (Rio do Meio e Perequê) foi superior a 50%. Esses dados nos permitem uma reflexão acerca das condições de vida dessas trabalhadoras. Afinal, o tempo que é despendido com os afazeres domésticos e cuidados familiares, somado à falta de

oportunidades para dar continuidade aos estudos, podem ser as principais barreiras que bloqueiam a inserção e a participação ativa das mulheres em outras etapas do ciclo de pesca.

Identificamos nas respostas das descascadeiras, estratégias para se adaptar a realidade local (CAVALCANTI, 2008). Considerando o conceito de estratégias adaptativas humanas, definido por Moran (1993) como: “[...] o produto de negociações complexas que refletem experiências passadas, condições presentes e expectativas futuras, dentro de um mosaico de habitats”, constatamos que as trabalhadoras informais da pesca de pequena escala de ambas as comunidades se submetem a condições precárias de trabalho, sem direito a alimentação ou qualquer assistência à saúde devido a sua condição presente, que consiste na falta de reconhecimento legal da atividade. Dentre as estratégias identificadas por exemplo, foi relatado o trabalho em diversas salgamas durante o dia e a complementação da renda com outros serviços, como vendas de artesanato e alimentos de confeitaria e panificação.

Nesse sentido, a complementação de renda também se estende às descascadeiras que são aposentadas (10%) que trabalham na atividade para complementar a renda proveniente da aposentadoria, uma vez que o valor, equivalente a um salário mínimo, não é suficiente para suprir suas necessidades familiares. Considerando o salário mínimo nominal no ano de 2019 (ano em que foram realizadas as atividades de campo) estipulado em R\$ 998,00 e o salário mínimo necessário para uma família de até 3 pessoas segundo o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos) estipulado em R\$ 3.980,82, as condições dessas trabalhadoras estão abaixo das condições mínimas pré-estabelecidas para o sustento de suas famílias. Além disso, a flexibilidade de horário do trabalho informal, emergiu nas respostas como uma estratégia para conseguir se organizar e lidar com os afazeres do cotidiano (FEBRI *et al.*, 2017). As mulheres que têm filhos, por exemplo, adequam seus horários de trabalho nas salgamas de acordo com o horário da escola das crianças.

Alguns pesquisadores acreditam que a flexibilidade de forma geral, está associada a normas e restrições de gênero. Cohen *et al.* (2016) argumentam que a limitação de opções de subsistência interfere na capacidade de adaptação principalmente das mulheres. Em seu estudo qualitativo, constataram que a

flexibilidade, mobilidade (física), aprendizagem e organização social, são dependentes e estão interrelacionados. Apontam ainda, que a limitação de acesso à educação por exemplo, pode dificultar a criação de novas estratégias de adaptação ou inovação, uma vez que a defasagem de suporte à novas informações estabelece uma barreira na capacidade de inovação tanto de mulheres como de homens, porém, em diferentes graus. Dessa forma, as estratégias de subsistência relatadas em nosso estudo, podem estar inteiramente conectadas com o fato de que essas mulheres precisam dividir o seu tempo de forma assertiva para atender as demandas familiares, sociais e laborais as quais estão designadas socialmente.

Então, se as mulheres estão presentes em tantas etapas na atividade de pesca e desenvolvem um trabalho essencial para que a cadeia produtiva funcione, por que ainda são tão invisibilizadas? Para compreender e discutir a magnitude do fenômeno da invisibilidade da mulher na pesca, é preciso entender qual posição é ocupada por esse grupo na estrutura da cadeia produtiva. Ogden (2017) descreve que as mulheres da pesca geralmente exercem suas atividades em ambientes costeiros, como mangue e estuários próximos à suas residências, assim, tendem a se especializar no manuseio de pequenos peixes e/ou crustáceos. Essa condição também é consequência da divisão sexual do trabalho e da destinação de responsabilidades da esfera de cuidado às mulheres. Consequentemente, isso contribui para que o Estado e seus órgãos gestores não as considerem pescadoras e não as incluam em tal categoria (LOPES *et al.*, 2020). As denominações para as trabalhadoras da pesca que não trabalham diretamente no mar são diversas, como marisqueiras, manipuladoras, descascadeiras ou até mesmo camaronetes (termo utilizado pelas mulheres na comunidade do Rio do Meio). Observamos que a ideia de não pertencimento à categoria, não as motiva a ser um grupo coletivizado, organizar ações de engajamento ou ocupações em espaços de tomada de decisão para inclusão em políticas públicas. Um grupo coletivizado pode ser uma boa estratégia para unir necessidades em comum para alcançar direitos e benefícios equitativos (GOPAL *et al.*, 2020).

A participação das mulheres que se encontram distantes dos espaços de tomada de decisão, pode ser uma importante ferramenta de luta frente a seus direitos. No campo de tomadas de decisão a nível de comunidade, Lawless

(2019) percebeu que o “poder de escolha” dos homens se sobressaiu em relação as mulheres; em contrapartida, para outras decisões sobre questões sociais e familiares houve um consenso conjugal.

De forma geral, Lawless (2019) demonstra que seu estudo forneceu subsídios para melhorias nas iniciativas que envolvem os meios de subsistência a partir de uma análise com enfoque de gênero, demonstrando que é possível conseguir resultados mais sustentáveis e equitativos a partir da compreensão das diferentes oportunidades que homens e mulheres possuem para vivenciar e participar da pesca de pequena escala.

É importante destacar que no âmbito legislativo, de igualdade constitucional, não há qualquer garantia de direitos específica ao trabalho feminino. Para ser considerada pescadora e ter acesso a direitos previdenciários, há a necessidade de comprovação de um vínculo familiar atrelado ao homem (marido ou pai), reforçando a ideia de que o trabalho feminino é apenas um auxílio ao homem pescador (SILVA & LEITÃO, 2012; SOUZA *et al.*, 2018). Observamos que as funções de processamento do pescado são realizadas majoritariamente por mulheres. Nessa perspectiva, as respostas sobre os ganhos da atividade e sobre a diferença de valores recebidos entre homens e mulheres demonstraram que há uma grande lacuna em relação à igualdade de renda.

Para além de direitos como trabalhadoras da pesca, é preciso olhar as condições sociais as quais estão inseridas as mulheres do beneficiamento. Nas comunidades estudadas há um déficit de acesso a serviços e programas públicos, como energia elétrica registrada, coleta de lixo, água encanada potável, rede de esgoto, controle de pragas e atendimento à saúde. A falta de reconhecimento legal dessas mulheres tem consequências sociais profundas como a ausência de acesso a esses direitos básicos. Na comunidade do Rio do Meio a porcentagem de mulheres que não têm energia elétrica registrada em suas casas foi de 54% e no Perequê 80%.

Esses dados podem estar relacionados a dois fatores: 1) o fato de que apenas 38% das trabalhadoras da comunidade do Rio do Meio moram no bairro, logo, as realidades dos bairros do entorno localizados em áreas periféricas são distintas e isso pode explicar a diversidade de condições de moradia; 2) O histórico da comunidade do Perequê, o qual carrega uma trajetória de ocupação

de migrantes principalmente do estado de Minas Gerais e do Nordeste, iniciada na segunda metade do século XX (ROMANI, 2006). Essa ocupação se deu através do aumento das construções civis e do turismo, assim, as pessoas começaram a ocupar a periferia de Guarujá, as áreas de manguezais, morros e leitos de rio (palafitas) (GRAÇA-LOPES *et al.*, 2010).

Graça-Lopes *et al.* (2010) descrevem que essa ocupação da periferia ocorreu por: “[...] pessoas desempregadas da região que se instalaram no Perequê para fugir do aluguel, contribuindo para a descaracterização da comunidade pesqueira tradicional”. Dessa forma, Estrella (2004) afirma que o aumento da miséria e da pobreza (ausência de recursos básicos), juntamente com a degradação ambiental, violência e o desemprego em função do declínio de atividades turísticas em período de férias, além do baixo nível de escolaridade da população, são fatores essenciais que contribuíram para aumentar o número de trabalhos informais. Esse estudo corrobora com os dados obtidos em nossas entrevistas, indicando que todos esses problemas são recorrentes e afetam a comunidade pesqueira do Perequê. Além disso, a pouca integração existente entre a comunidade e os órgãos de gestão pesqueira, também afetam o desenvolvimento e a representação da pesca artesanal em instâncias de políticas públicas, como descrito por Machado & Piccolo (2018).

As condições de habitação de 50% das entrevistadas que residem em palafitas no Perequê são muito precárias e vulneráveis a impactos ambientais como deposição de lixo, lançamento de esgoto e dragagem. As mulheres afirmaram que não há nenhuma infraestrutura urbana no local (Perequê) e que não são vistas pela sociedade como cidadãos por residirem nas palafitas. Em resposta sobre a questão de acesso à serviços públicos, uma das entrevistadas responde: *“Não tem nada. Lá dentro (conglomerado de palafitas) não entra nem carteiro moça, a gente nem existe. A gente aqui é como se não existisse no Perequê. Se eu te der o endereço aqui não consta no mapa, a gente é tipo indigente pro governo. Minhas coisas (correspondência) chega na casa da minha mãe, lá em Vicente de Carvalho, porque as coisas não chegam aqui”* (E.S., 42).

Esses resultados reafirmam a necessidade de coletar dados socioeconômicos e laborais de forma agrupada por gênero como contribuição para que as mulheres sejam vistas e reconhecidas como sujeito pertencente na atividade pesqueira. Nesse sentido, Kleiber *et al.* (2015) propõem que as coletas

de dados não sejam “cegas” ao gênero ao incluir homens e mulheres no termo “pescador”, visto que na literatura os dados coletados são, majoritariamente, sobre homens. Ainda sobre a perspectiva de Kleiber *et al.* (2015), gênero deve ser incluído como uma variável nos métodos de coleta de dados. Em trabalhos onde atores-chave da pesca são entrevistados, os dados se limitam a informações fornecidas apenas por homens. Dessa forma, negligenciamos a atuação de mulheres que também são atores-chave, que participam ativamente da atividade pesqueira e contribuem para o desenvolvimento econômico de suas comunidades.

A coleta de dados agregados por gênero já ocorre em alguns países, entretanto, são anotados como dados não confiáveis (SZYMKOWIAK & RHODES-REESE, 2020). Um dos métodos utilizados para coleta dessas informações nos Estados Unidos por exemplo, foi através dos programas “Gender” and “genderizeR” (WAIS, 2016), que preveem a probabilidade de gênero do indivíduo entrevistado em coletas de dados (BLEVINS & MULLEN, 2015; WAIS, 2016). Os programas fazem previsões de formas distintas, o “Gender” faz uma varredura cruzando nomes e datas de nascimento dos indivíduos utilizando os dados da “Administração da Segurança Social dos Estados Unidos” (SSA). Já o “genderizeR” utiliza dados de mídia social de 79 países através de um aplicativo, o qual é regularmente atualizado (SZYMKOWIAK & RHODES-REESE, 2020).

O método “gender” (SAA) foi utilizado para incorporar o atributo “gênero” à pesca do Alaska contendo dados de participação feminina por Szymkowiak & Rhodes-Reese (2020). Esse estudo elucidou a necessidade da implementação de dados agrupados por gênero para que as informações não tenham um viés estritamente masculino. Evidenciamos, portanto, a relevância da implementação de coleta de dados agregados por gênero no Brasil para que essa dicotomia não permaneça, principalmente nos dados de estatística pesqueira.

As condições laborais das descascadeiras entrevistadas refletem o cenário de desigualdade que as mulheres sofrem em todas as esferas da sociedade. As mulheres sempre estiveram presentes na pesca e o reconhecimento da atividade sempre foi voltado para os homens e principalmente à atividade de captura do pescado (ROCHA, 2011). Essa realidade é muito aparente quando olhamos sob o ângulo legislativo. A condição

de pescador artesanal só foi consolidada no Brasil em 2009 com a Lei 11.959/2009. Apesar da categoria já ter alguns direitos garantidos pelo Código de Pesca de 1967, a regulamentação da atividade foi através da referida lei (SILVA & LEITÃO, 2012).

Desse modo, a lei 11.959/2009 torna-se muito importante para o seguimento de políticas públicas do setor pesqueiro. No capítulo IV a lei destaca sobre o acesso a recursos pesqueiros e a inscrição no Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP), documento que permite acesso a benefícios da categoria como o seguro-defeso. Contudo, a legislação pesqueira do Brasil passou por modificações ao longo dos anos. A Lei 10.779 de 25 de novembro de 2003 assegurou ao pescador o recebimento de um salário mínimo durante os meses do período defeso (período de paralização da pesca para reprodução das espécies) (de SOUZA & GANTOS, 2018). Nesse contexto, muitas mulheres que atuam na captura conseguiram obter o RGP, entretanto, ainda precisavam comprovar vínculo familiar para confirmar que exercem a atividade como pescadora artesanal (SILVA & LEITÃO, 2012; de SOUZA *et al.*, 2018).

As alterações na legislação tiveram impacto direto na vida das mulheres que não estão inclusas na etapa de captura, visto que a Lei n. 13.134 de 2015 dispõe sobre o direito de acesso ao seguro defeso para a categoria de trabalhadores de “apoio a pesca”. Em 2017, a situação ficou ainda mais difícil para as mulheres depois da exclusão da categoria de “apoio à pesca” revogada pelo Decreto 8.967/2017 que dispõe sobre os critérios para a inscrição do RGP. Mais de 80% das entrevistadas nesse estudo não possuíam o RGP por diversos motivos, dentre eles a burocratização do processo de requerimento e o fato de não ser considerada pescadora. Sendo assim, a informalidade e a precarização do trabalho que não envolve a captura são atenuadas por políticas que se tornam insuficientes por não abranger as necessidades das comunidades pesqueiras como um todo.

Os impactos resultantes da informalidade do trabalho e das alterações na legislação pesqueira, foram também identificados por de Souza & Gantos (2018). Nesse trabalho, os autores analisaram as políticas públicas federais voltadas ao setor pesqueiro e buscaram identificar as garantias sociais para as mulheres que atuam na pesca artesanal. Os resultados não diferiram dos nossos; os autores

também destacam as dificuldades do acesso ao RGP pelas mulheres que não são consideradas pescadoras (SOUZA & SANTOS, 2018).

Tendo em vista que para ter acesso aos direitos trabalhistas da pesca é necessário a obtenção do RGP passando por todos os processos burocráticos necessários para se inscrever, as mulheres que estão em maior número nas atividades consideradas “de apoio à pesca” são as mais prejudicadas. Nas comunidades que fizeram parte dessa pesquisa, 90% não usufrui de nenhum direito por não serem funcionárias contratadas formalmente. Sendo assim, as mulheres que dedicam seu tempo para desenvolver um trabalho relevante na pesca, ficam às margens da sociedade e, com escasso amparo social.

Mulheres da comunidade do Rio do Meio e do Perequê que trabalham há mais de 20 anos na atividade e produzem em média 400 quilos de camarão por semana em períodos de alta temporada, se tornam invisíveis legalmente. Além disso, em 50% dos relatos, as doenças por esforço repetitivo como tendinite e bursite, foram relatadas como doenças decorrentes do trabalho no descasque do camarão. Algumas pesquisas já relacionaram os problemas de saúde de pescadoras em decorrência do trabalho na pesca, e.g. Bercini e Tomanik (2006) analisaram as representações sociais sobre saúde e estratégias de enfrentamento de doenças entre as esposas de pescadores de Porto Rico-Paraná. Brasil (2009) estudou a relação entre trabalho, saúde e doença no contexto da pesca artesanal do Pará e Silva (2013) constatou que o maior percentual das doenças relatadas pelas marisqueiras da comunidade de Sertãozinho – RN, se concentram nas doenças da coluna pelo intenso esforço repetitivo.

Esses fatos reforçam a dificuldade das condições enfrentadas pelas descascadeiras no cotidiano e se acentuam com a ausência de assistência, tornando a profissão ainda mais árdua e não reconhecida legalmente pela sociedade (SILVA, 2013). Assim, a falta de reconhecimento legal das atividades realizadas pelas mulheres do beneficiamento, impossibilita o acesso a seguridades da Previdência Social como o auxílio-doença entre outros que não são concebidos à mulher devido a sua posição de “auxiliar” (LEITÃO, 2012).

Ainda na esfera dos elementos que permeiam a invisibilidade e a precarização do trabalho da mulher na pesca, uma das entrevistadas relata sobre a falta de sensibilidade dos patrões em relação à saúde: “*Eu acho que eles*

*(homens) podiam ser mais humanos nessa parte. Não perguntam se a família precisa de alguma coisa. Você vai trabalhar: 'Ah tá doente? Não posso fazer nada. O dinheiro da sua diária eu paguei, a sua produção eu paguei, se vira'. Eles deveriam ser mais humanos para os outros” (A.R 36).*

O número de mulheres que contribuem para o funcionamento da cadeia produtiva de pesca demonstrou ser expressivo na etapa de beneficiamento. Entretanto, o trabalho feminino ainda é associado ao homem pescador, são vistas como esposas, mães, filhas, mas dificilmente como trabalhadoras da pesca. Dessa forma, a precarização do trabalho feminino torna-se uma fragilidade principalmente nas pesquisas sobre a cadeia produtiva do pescado. A partir da revisão bibliográfica realizada para esse estudo, percebemos que as pesquisas sobre pesca artesanal do camarão principalmente no estado de São Paulo, não demandam atenção às contribuições do trabalho das mulheres a cadeia produtiva do pescado.

Nossos resultados demonstram a necessidade de inclusão do enfoque de gênero na coleta de dados em estudos na área de Pesca. Compreendemos que ignorar o importante papel desenvolvido pelas mulheres no setor pesqueiro apenas contribui para a segregação de informações privilegiando abordagens unilaterais. Os dados apresentados ainda corroboram com outros estudos (e.g., HELLEBRANDT, 2019; RODRIGUES *et al.*, 2018; SALMI & SONCK-RAUTIO, 2018) da área de pesca que enfatizam a problemática da invisibilidade e precarização do trabalho feminino além da divisão sexual do trabalho.

## **CONCLUSÃO**

Essa pesquisa forneceu evidências de que a participação das mulheres na etapa de beneficiamento do pescado é de importante relevância para a estrutura de perfis socioeconômicos em uma comunidade pesqueira. Diante da condição legal que estabelece a mulher “não pescadora” na cadeia produtiva como sujeito de pouca relevância e em como se dão as relações de gênero baseadas em relações de poder na pesca, concluímos com esse trabalho, que apesar dos desafios de desenvolver estudos com enfoque de gênero, a academia precisa dedicar sua atenção como instituição social a estudos dessa natureza.

Nossos resultados indicam a importância de uma abordagem de gênero em pesquisas que envolvam a comunidade pesqueira em diferentes escalas. Pontuamos ainda que é necessário que as análises de gênero sejam feitas de forma aprofundada. Para isso, destacamos que, descrever os fenômenos que evidenciam a invisibilidade da participação da mulher pode ser um primeiro passo para chegar na raiz do problema e assim desmiuçar as injustiças vividas pelas mulheres em âmbito social, econômico e cultural. A atuação das mulheres na atividade de pesca deve ser considerada pela academia e por órgãos gestores de forma a construir redes que possibilitem dar voz às narrativas das mulheres da pesca que estão no mar, em terra e em todos os espaços que lhes pertencem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, S. H. D. A. M., & Parente, T. G. P. G. (2016). **(In) visibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero em Miracema do Tocantins-TO.** *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, 4(2), 177-199.
- Barbosa-Filho, M. L. V., Schiaventti, A., Alarcon, D.T., & Costa-Neto, E. (2012). **"Shark is the man!": ethno knowledge of Brazil's South Bahia fishermen regarding shark behaviors.** *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 10(54):1-14.
- Beck, A. M. (1991). **Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina.** *Revista de Ciências Humanas*, 7(10), 8-24.
- Bercini, L. O., & Tomanik, E. A. (2006). **Representações sociais sobre saúde e estratégias de enfrentamento das doenças entre as mulheres dos pescadores do município de Porto Rico, Paraná.** *Ciência, Cuidado e Saúde*, 5, 071-076.
- Blevins, C., & Mullen, L. (2015). **Jane, John... Leslie? A Historical Method for Algorithmic Gender Prediction.** *DHQ: Digital Humanities Quarterly*, 9 (3).
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** *Em Tese*, 2(1), 68-80.
- Bradford, K., & Katikiro, R. E. (2019). **Fighting the tides: A review of gender and fisheries in Tanzania.** *Fisheries Research*, 216, 79-88.
- BRASIL. Lei n.º 11.959, de 29 de junho de 2009. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei no 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei no 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l11959.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11959.htm).
- BRASIL, Decreto n. 8.967, de 23 de janeiro de 2017 dispõe sobre os critérios para inscrição no Registro Geral da Atividade Pesqueira. Brasília, 23 de janeiro de 2017; 196º da Independência e 129º da República.

- Brasil, S. S. (2009) **Trabalho, Adoecimento e Saúde: Aspectos Sociais da Pesca Artesanal no Pará...** (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 172 f.
- Bruschini, C. (2006). **Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado.** *Revista brasileira de estudos de população*, 23(2), 331-353.
- Cavalcanti, D.R.M. (2010) **Mulheres na água: um estudo sobre as relações de gênero na pesca.** 142 f. *Dissertação (Mestrado em Sociologia), Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa.* Disponível em <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7280/1/arquivototal.pdf>. Acesso em novembro de 2020.
- Christensen, J. B. (1977) **Motor power and women power: Technological and economic change among the Fanti fishermen of Ghana.** In: SMITH, E. (Ed.). *Those who live from the sea: a study in maritime anthropology.* Saint Paul: West Pub. Co., 1977. p. 71–96.
- de Azevedo, V. G., Hellebrandt, L., Santos, L. M. N., & Panza, A. B., **Mulheres na Cadeia Produtiva da Atividade Pesqueira de Ubatuba-SP.** In: Martínez, S. A., Hellebrandt, L. *Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil.* Campos dos Goytacazes, RJ : EDUENF, (2019), p. 247 – 263.
- de Sousa, W. L., de Oliveira Monte, L. D. F., da Silva, R. E., & Vieira, T. A. (2018). **Protagonismo socioeconômico das pescadoras artesanais do bairro Pérola do Maicá, em Santarém Pará.** *Revista Ciências da Sociedade*, 2(4), 143-161.
- de Souza, S. R., & Gantos, M. C. (2018). **Políticas públicas federais para a pesca artesanal nos últimos anos: garantia de direitos sociais para as mulheres pescadoras e/ou trabalhadoras da pesca?**. In: *VII CONINTER - Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*, Rio de Janeiro-RJ, 2018.
- Di Ciommo, R. C., Schiavetti, A. (2012). **Women participation in the management of a Marine Protected Area in Brazil.** *Ocean & Coastal Management*, v. 62, p.15–23,

- Diegues, A. C. S. (1993). **O Movimento Social dos Pescadores Artesanais Brasileiros. CEMAR: Centro de Culturas Marítimas. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa no. 8. Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. 10**
- DIEESE – Análise estatística (2019) – Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html#2019>> Acesso em março em 2021.
- Estrella, A. C. (2004). **Ekos da vida: estudos sobre a comunidade do Perequê (Dissertação de Mestrado em Serviço Social)** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP 134p.
- FAO. (2017). **Towards gender-equitable small-scale fisheries governance and development-a handbook. Proceedings of the Support of the Implementation of the Voluntary Guidelines for Securing Sustainable Small-Scale Fisheries in the Context of Food Security and Poverty Eradication, by Nilanjana Biswas.**
- FAO. (2020). **The State of World Fisheries and Aquaculture 2020. Sustainability in action. Rome.**
- Febri, S. P., Wiyono, E. S., Wisudo, S. H., Haluan, J., & Iskandar, B. H. (2017). **The role of women in small-scale fisheries of Langsa City, Aceh, Indonesia. Aquaculture, Aquarium, Conservation & Legislation, 10(2), 402-409.**
- Figueiredo, M. M. A., Prost, C. (2014) **O Trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. Revista Feminismos, vol.2, n.1, p.82-93.**
- Firth, R. **The Malay fishermen: their peasant economy.** New York: The W.W. Norton & Company, Inc., 1966
- Galvão, M. C. (2013). **Diálogos entre gênero, gestão e educação ambiental: os papéis das mulheres nos modos de vida na pesca artesanal. (Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Rio Grande – FURG).** Disponível em: <<http://www.repositorio.furg.br/handle/1/6090>> Acesso em: 22.set.2018.
- Galvão, M. C., Neto, F. Q. V., & Medeiros, R. P. (2012). **Women’s Role in the Maintenance of Artisanal Fishing Communities Livelihoods of Patos Lagoon Estuary-Brazil: Contributions to the Management and Environmental Education. Proceedings of the 65th Gulf and Caribbean**

*Fisheries Institute*. Disponível em: <[http://www.gcfi.org/proceedings/sites/default/files/procs/GCFI\\_65-4.pdf](http://www.gcfi.org/proceedings/sites/default/files/procs/GCFI_65-4.pdf)> Acesso em: 22.set.2018.

Gerber, R. M. (2015). **Mulheres e o mar: pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil**. Editora da UFSC.

Goodman, L. A. (1961). **Snowball sampling**. *The annals of mathematical statistics*, 148-170.

Graça-Lopes, R., Tomás, A., Tutui, S., Rodrigues, E. S., & Puzzi, A. (2018). **Comparação da dinâmica de desembarque de frotas camaroeiras do estado de São Paulo, Brasil**. *Boletim do Instituto de Pesca*, 28(2), 163-171.

Harper, S., Grubb, C., Stiles, M., & Sumaila, U. R. (2017). **Contributions by women to fisheries economies: insights from five maritime countries**. *Coastal Management*, 45(2), 91-106.

Harper, S., Salomon, A. K., Newell, D., Waterfall, P. H., Brown, K., Harris, L. M., & Sumaila, U. R. (2018). **Indigenous women respond to fisheries conflict and catalyze change in governance on Canada's Pacific Coast**. *Maritime Studies*, 17(2), 189-198.

Hellebrandt, L., Rial, C., & de Fátima Andrade, M. D. R. (2016). **Pesca e gênero: reconhecimento legal e organização das mulheres na "colônia Z3" (Pelotas/RS-Brasil)**. *Vivência: revista de antropologia*, 1(47), 123-136.

Hirata, H. (2002). **Globalização e divisão sexual do trabalho**. *Cadernos pagu*, (17-18), 139-156.

Kalikoski, D. C., Seixas, C. S., & Almudi, T. (2009). **Gestão compartilhada e comunitária da pesca no Brasil: avanços e desafios**. *Ambiente & Sociedade*, 12(1), 151-172.

Kleiber, D., Harris, L. M., & Vincent, A. C. (2015). **Gender and small-scale fisheries: A case for counting women and beyond**. *Fish and Fisheries*, 16(4), 547-562.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (1996). **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas.

Lei n.º 13.134, de 16 de junho de 2015. Altera as Leis no 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego e o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), no 10.779, de 25 de

- novembro de 2003, que dispõe sobre o seguro-desemprego para o pescador artesanal, e no 8.213, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência Social; Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato20152018/2015/Lei/L13134.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13134.htm).
- Machado, I. C., & Piccolo, N. I. P. (2018). **As condições para se viver e a qualidade de vida dos pescadores do Perequê/Guarujá, São Paulo, BRASIL: uma abordagem quali-quantitativa.** *Interciência*, 43(1), 43-49.
- Martínez, S. A., Hellebrandt, L., & Ribeiro, N. F. D. (2019) **Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil.** *Campos dos Goytacazes*, RJ: EDUENF. 382p.
- Moran, E. F. (1993). **Through Amazonian eyes: The human ecology of Amazonian populations.** University of Iowa Press.
- Nunan, F., & Cepić, D. (2020). **Women and fisheries co-management: Limits to participation on Lake Victoria.** *Fisheries Research*, 224, 105454.
- Ogden, L. E. (2017). **Fisherwomen—the uncounted dimension in fisheries management: shedding light on the invisible gender.** *AIBS Bulletin*, 67(2), 111-117.
- Ramires, M., Molina, S. M. G., & Hanazaki, N. (2007). **Etnoecologia caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca.** *Biotemas*, 20(1), 101-113.
- Ramires, M., Cauzet, M., Barrella, W., Rotundo, M.M., Silvano, R. A. & Begossi, A. (2015). **Fisher’s knowledge about fish trophic interactions in the southeastern Brazilian coast.** *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 11(1):19
- Rocha, N. S. A. (2011) **A pesca feminina na comunidade Segredinho: Município de Capanema-PA.** *Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente.* Belém, 2011. 119 f.
- Rodrigues, D. H. X. B. C., Jorge, C. D. L. P., de Oliveira, M. F., & Lianza, S. (2018). **A participação das mulheres na pesca artesanal: uma pesquisa exploratória no Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro.** *Revista Tecnologia e Sociedade*, 14(32), 173-193.
- Romani, C. (2006) **O mar não tá pra peixe. Conflitos sócio-ambientais na Baixada Santista.** *Reflexões em Ciências Humanas*, Guarujá/SP, 8: 13-85.

- Salmi, P., & Sonck-Rautio, K. (2018). **Invisible work, ignored knowledge? Changing gender roles, division of labor, and household strategies in Finnish small-scale fisheries.** *Maritime Studies*, 17(2), 213-221.
- Silva, A. X. S. D. (2013). **Ambiente pesqueiro e saúde: representações sociais sobre saúde e doença de pescadores e marisqueiras nos distritos de Diogo Lopes, Barreiras e Sertãozinho Macau RN** (*Master's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte*) 122f.
- Silva, E. D., Conserva, M. D., S., & Oliveira, P. A. (2011). **Socioecologia do processo de trabalho das pescadoras artesanais do Estuário do Rio Paraíba, Nordeste, Brasil.** *Ecologia*, 3, 44-56.
- Silva, V. L., & Leitão, M. do R. de F. A. (2012). **A regulação jurídica da pesca artesanal no Brasil e o problema do reconhecimento do trabalho profissional das pescadoras.** *In: 170 Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero -Redor.* João Pessoa.
- Sousa, L. P. D., & Guedes, D. R. (2016). **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década.** *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139.
- Souza, K. M., Arfelli, C. A., & da Graça Lopes, R. (2010). **Perfil socioeconômico dos pescadores de camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) da praia do Perequê, Guarujá (SP).** *Boletim do Instituto de Pesca*, 35(4), 647-655
- Szymkowiak, M., & Rhodes-Reese, M. (2020). **Addressing the Gender Gap: Using Quantitative and Qualitative Methods to Illuminate Women's Fisheries Participation.** *Frontiers in Marine Science*, 7, 299.
- Wais, K. (2016). **Gender Prediction Methods Based on First Names with genderizeR.** *R J.*, 8(1), 17-37
- Woortmann, E. F. (1991). **Da Complementaridade à Dependência: a mulher e o ambiente em comunidades pesqueiras do Nordeste.** *Série Antropologia*, Brasília, v. 111, p. 1-115, 1991.
- Zhao, M., Tyzack, M., Anderson, R., & Onoakpovike, E. (2013). **Women as visible and invisible workers in fisheries: A case study of Northern England.** *Marine Policy*, 37, 69-76.

## Capítulo 2

**Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como ferramenta de análise do trabalho feminino no beneficiamento de camarão em duas comunidades pesqueiras do Município de Guarujá -SP.**

## INTRODUÇÃO

Na pesca, a captura do pescado é considerada a principal atividade (ALLISON, 2001), sendo essa a atividade fim de todo o processo de uma pescaria. A pesca como um todo envolve várias outras atividades-meio, de preparação para a captura e atividades posteriores. Galvão (2013) aponta que as outras atividades exercidas na cadeia produtiva de pesca, que não fazem parte da captura, ficam ocultas e passam despercebidas nos processos de tomadas de decisão e na construção de políticas públicas para a gestão da atividade pesqueira.

A captura é notadamente uma atividade onde prevalece o gênero masculino, visto que o espaço do mar e as atividades produtivas como o trabalho embarcado são atribuídas ao homem pescador (WOORTMANN, 1991). Entretanto, quando mencionamos uma comunidade pesqueira, os atores sociais envolvidos compreendem também mulheres pescadoras que, embora possam eventualmente atuar na captura embarcada, não desenvolvem necessariamente esta atividade, estando majoritariamente envolvidas nas atividades-meio, de preparação para a faina da pesca e de pós-captura (HARPER *et al.*, 2013).

Em meados dos anos 1980 e 1990, alguns autores como Diegues (1983) e Mota-Maués (1993) concluíram, estudando a pesca nos estados de São Paulo e Pará, respectivamente, que a atividade de pesca é estritamente masculina não podendo contar com a participação de mulheres, ainda que em poucos lugares as mulheres participassem na puxada de rede. Os autores reforçam que essa exclusão é derivada de alguns fatores que influenciam as relações de gênero, como por exemplo o tabu que envolve ter uma mulher embarcada, que pode trazer um “mau agouro”. Diegues (1983), também aponta que os papéis desenvolvidos são delimitados pela divisão sexual do trabalho.

O debate sobre questões de gênero na pesca é muito importante para compreender a dinâmica da cadeia produtiva e já ocorre há alguns anos no meio acadêmico. Lopes *et al.* (2020) afirmam que nas décadas de 1960 e 1970 alguns desses estudos já tinham o enfoque no trabalho feminino em comunidades pesqueiras. Os autores afirmam, ainda, que o interesse acadêmico pelo tema vem crescendo e ocupando espaços nos periódicos científicos. Os estudos com foco em gênero na pesca são importantes porque elucidam a necessidade de questionar as estruturas da cadeia produtiva de pesca e seu viés masculino.

As mulheres que trabalham de maneira informal na pesca artesanal, nas atividades que geralmente estão desagregadas da captura do pescado, estão associadas à busca de melhores remunerações, visto que, a falta de oportunidades e de perspectiva, tornaram a atividade de pesca uma possível alternativa de complementação de renda, uma estratégia de adaptação para a sobrevivência de comunidades (CAVALCANTI, 2008).

A falta de oportunidades e de crescimento profissional para as mulheres de comunidades pesqueiras, se insere em um mosaico de realidades distintas. Os fenômenos que envolvem a invisibilidade do trabalho feminino são diversos, dentre estes, a ausência de mulheres na agenda de políticas públicas e nos espaços de tomada de decisão, as desvantagens no mercado de trabalho advindas da divisão social e sexual do trabalho, além das múltiplas discriminações (raça, gênero e classe). Estudos feministas como o de Crenshaw (1989) descrevem todos esses fenômenos como interseccionalidade. A autora descreve o fenômeno como: “[...] uma associação de sistemas múltiplos de subordinação. Nesse sentido, Novak *et al.*, (2017) complementa o conceito afirmando que a interseccionalidade é a “[...] interação de múltiplas identidades e experiências de exclusão e subordinação”. Sendo assim, para fazer uma análise sobre as relações de gênero na pesca, é preciso considerar todos esses aspectos dentro das múltiplas realidades vividas pelas mulheres de uma comunidade pesqueira.

Para conseguir descrever a realidade das mulheres da pesca e seu papel na cadeia produtiva, utilizamos o método de análise quali-quantitativa desenvolvido por Lefevre *et al.* (2000), “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC). O DSC é uma ferramenta que possibilita explorar e compreender as percepções coletivas de um grupo sobre determinado tema. O método permite a partir da interação entre o grupo pesquisado e a pesquisadora, descrever posicionamentos, crenças e particularidades representativas através de métodos científicos, e tem como fundamento principal as representações sociais (FIGUEIREDO *et al.*, 2013).

As representações sociais consistem em agregar discursos de forma a não os reduzir a quantidades. É uma forma de transmitir conhecimentos, opiniões e experiências do cotidiano de um grupo social vividos a partir de uma realidade em comum (LEFEVRE *et al.*, 2010). A complexidade das

representações sociais permite que a análise do discurso do sujeito coletivo seja um importante objeto multidisciplinar de pesquisa empírica (LEFEVRE *et al.*, 2009). Sendo assim, nosso objetivo foi identificar quais fenômenos representam o trabalho feminino no beneficiamento do pescado, a partir das percepções de trabalho através das narrativas de dois grupos de mulheres, utilizando o DSC.

## MATERIAL E MÉTODO

Os itens sobre área de estudo e coleta de dados foram suprimidos nesse capítulo para evitar redundância de informações.

### **Análise de dados**

Os dados coletados foram analisados através do método “Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)” (LEFEVRE *et al.*, 2000). A proposta de análise apresenta-se como uma categoria de demonstração dos resultados, de modo a considerar os depoimentos e/ou respostas como fonte primária de dados, e, a partir de um ou vários discursos-síntese escritos em primeira pessoa do singular, permite que o discurso de um coletivo possa ser expressado de forma individual, como se o grupo coletivizado pudesse emitir um único discurso (LEFEVRE *et al.*, 2003).

A análise do DSC é dividida em três etapas especificamente:

- 1) Identificar em cada resposta individual as expressões-chave, as quais se encontram nas partes mais significativas das respostas.
- 2) A partir das expressões-chave, identificar as ideias centrais, as quais caracterizam a síntese do que foi refletido de maneira discursiva nas expressões-chave.
- 3) Delinear os discursos-síntese na forma de DSC, na primeira pessoa do singular.

Para a construção dos discursos-síntese utilizamos o Software DSCsoft e para a análise das prevalências das ideias centrais, geramos gráficos mediante a categorização das respostas.

## RESULTADOS

### Rio do Meio

Os resultados apresentados abaixo foram descritos de acordo com o método do discurso do sujeito coletivo (DSC), com auxílio do software DSCsoft para avaliar os discursos-síntese emitidos pelo grupo de entrevistadas na comunidade do Rio do Meio – Guarujá, referentes às suas percepções e opiniões a respeito das relações de gênero na pesca de pequena escala.

**Ideia central 1:** A falta de opção e oportunidades de empregos registrados em carteira para as mulheres da comunidade foi o que as levou a trabalhar nessa atividade pesqueira.

**DSC 1:** As oportunidades de emprego registrados em carteira são raras para quem não conseguiu concluir os estudos e já alcançou determinada idade. Ao dizer onde moro, as oportunidades vão embora, quem mora na comunidade dificilmente tem chances de conseguir um emprego registrado, sou discriminada imediatamente. Além disso, a idade torna-se uma barreira, o trabalho que exige esforço físico desgasta o corpo, acarretando conseqüentemente em problemas de saúde que impedem demasiado trabalho. Portanto, esse trabalho surgiu como uma solução para as necessidades financeiras dentro de casa. A flexibilidade de horários também é um ponto importante nesse trabalho pois me possibilita conciliar os afazeres de casa com horários da creche das crianças. A situação estava difícil e para conseguir sobreviver comecei a trabalhar com o camarão, a vida toda eu trabalhei para sustentar a casa, estar aqui é melhor do que estar desempregada.

**Ideia central 2:** O trabalho é aprendido por observação, no cotidiano, as mulheres ensinam umas às outras.

**DSC 2:** Aprendi sozinha, olhando minhas companheiras de trabalho. Ninguém da salga ensina como deve ser feito o descabeçamento do camarão. Então, quando cheguei aqui olhava as meninas produzindo caixas e caixas e fui aprendendo, no dia a dia. Se estivesse fazendo errado elas logo me alertavam e me ensinavam o jeito certo de se fazer, no geral, uma ensina a outra. Com o passar do tempo vamos aprendendo e desenvolvendo um ritmo bom de produção.

**Ideia central 3:** O trabalho na pesca não é uma atividade realizada por todos os componentes da família. Os homens que trabalham fora da atividade contribuem com a maior parte dos gastos da família.

**DSC 3:** Apenas eu trabalho nessa atividade, meu companheiro trabalha em uma atividade diferente. A renda aqui do camarão não é tão alta, então, eu contribuo com uma parcela menor das despesas em casa, ajudo naquilo que consigo. Meu companheiro contribui em maior quantia de gastos com as despesas.

**Ideia central 4:** Embora haja alguns grupos divididos entre as próprias trabalhadoras nas salgas, a maioria delas são unidas e se ajudam conforme as necessidades.

**DSC 4:** Aqui estamos todas na mesma situação e precisamos ser unidas. Evidentemente, quando há um grupo com grande número de pessoas trabalhando juntas ocorrem brigas, fofocas e são formados alguns pequenos grupos de mulheres que não se juntam, entretanto, o respeito sempre se sobressai. Quando chega camarão as meninas avisam umas às outras e dentro das salgas guardamos lugar na mesa uma para a outra, para que todas possam trabalhar e conseguir o seu dinheiro. A situação financeira é diferente entre todas nós, então, nos ajudamos com alimentação, equipamento de trabalho ou guardando um lugar na mesa para que possamos trabalhar juntas, para que ninguém fique sem trabalho. Não é sempre que conseguimos ajudar umas às outras, mas nós tentamos. Os patrões não nos disponibilizam equipamentos de segurança para trabalhar, então, quando uma das meninas compra luva e a outra não tem, sempre há cooperação em emprestar esses materiais. Estamos juntas todos os dias, precisa haver respeito e união.

**Ideia central 5:** Os conflitos que ocorrem no ambiente de trabalho são entre as próprias mulheres, na maioria das vezes devido à falta de lugares na mesa.

**DSC 5:** Os conflitos acontecem sim e com frequência. São muitas as mulheres que precisam trabalhar e na mesa não há lugar para todas. As discussões ocorrem principalmente devido à falta de lugar. Todas precisam trabalhar, mas ficar o tempo todo apertadas na mesa não é uma opção, portanto, os conflitos acontecem o tempo todo entre nós mesmas. Há uma competição por trabalho,

todas querem produzir em grande quantidade para garantir sua renda. Ainda que o trabalho seja precarizado e muito cansativo, é o que garante nossa sobrevivência, não há muitas alternativas.

**Ideia central 6:** Os conflitos no ambiente de trabalho são resolvidos geralmente com conversas entre as trabalhadoras, embora haja episódios de brigas mais intensas.

**DSC 6:** A resolução de conflitos é variável, algumas de nós realmente brigam a ponto de precisar ser separadas pelo dono da salga e como punição não podem trabalhar por um determinado período. No cotidiano, nós resolvemos as nossas diferenças com discussões, nos abraçamos e voltamos a trabalhar. Observo que algumas mulheres preferem se afastar, não se envolvem nesses problemas, se não houver lugar na mesa elas vão embora e procuram outra salga.

**Ideia central 7:** De forma geral, assédios acontecem nas salgagens, entretanto, os patrões (donos das salgagens) respeitam as mulheres no ambiente de trabalho. Contudo, em situações explícitas de assédio (sexual e moral), as trabalhadoras sentiram-se coagidas por se tratar de trabalho.

**DSC 7:** Os homens que trabalham aqui conosco nos respeitam. Esse trabalho de manipular o camarão é uma atividade já designada a nós, mulheres. Estamos sempre próximas, é difícil acontecer algum tipo de assédio mas quando acontece nós precisamos relevar pois trata-se de trabalho. Os pescadores olham bastante, sempre para as nossas pernas, é complicado, os homens banalizam nossa imagem e nos objetificam constantemente. Para evitar maiores problemas, minha vestimenta é sempre muito comportada, calça jeans e blusa discreta, ainda assim, já estive envolvida em episódios de assédio dentro de outras salgagens. Nesses casos, os patrões interferem e mandam o homem que nos assedia embora do local. Nós tentamos evitar ao máximo esse tipo de situação, mas pode acontecer, eu já vi acontecer em outros lugares.

**Ideia central 8:** Conciliar o trabalho doméstico com o trabalho “fora” é muito difícil e cansativo. O trabalho na salga exige o esforço corporal de ficar em pé por muitas horas e chegando em casa ainda tem os trabalhos domésticos a

serem feitos. A maioria possui ajuda das filhas (mulheres) mas não dos companheiros.

**DSC 8:** É muito difícil conciliar o trabalho doméstico com o trabalho exercido nas salgas. Essa atribuição de atividades direcionada principalmente as mulheres, nos deixa sobrecarregadas. Todo o trabalho doméstico como deixar a casa limpa, fazer comida todos os dias e cuidar dos filhos é direcionado a mulher, como uma função específica nossa. Esse trabalho é visto como uma ajuda, um auxílio, meu companheiro acha que determinadas funções são apenas minhas. Quando ele chega do trabalho espera que tudo dentro de casa esteja feito, como se eu não trabalhasse fora também. Trabalhar no beneficiamento do camarão exige muito esforço corporal, fico em pé por muitas horas exercendo um esforço repetitivo com os braços, não tenho direito à alimentação ou descanso, chego na minha casa muito cansada e ainda preciso cumprir as obrigações diárias de cuidar da casa, dos filhos e do companheiro, o qual não contribui com nenhum trabalho doméstico.

**Ideia central 9:** A divisão de trabalho ocorre geralmente com a filhas, os companheiros raramente contribuem, em suma, ficam encarregadas de quase todo o trabalho doméstico realizando na maioria das vezes jornadas triplas.

**DSC 9:** Dividir os trabalhos dentro de casa é uma luta quando se tem um companheiro, raramente estão presentes na divisão de tarefas. Minhas filhas sempre me ajudam com os afazeres mas na maioria das vezes faço tudo sozinha. Os trabalhos são divididos entre as mulheres que compõem a família, aos homens é atribuído trabalhos considerados mais pesados. Nós trabalhamos o dia todo, cuidamos da casa, dos filhos, das despesas, mas nada disso conta como um trabalho de fato e as jornadas se acumulam, mas a mulher quando é necessário, se adapta.

**Ideia central 10:** Há muitas diferenças nos trabalhos realizados pelas mulheres e pelos homens. O trabalho sempre pesa mais para a mulher, os homens não fazem o serviço doméstico por acharem que este é um serviço típico de mulheres. Percebemos essa diferença e consideramos que o trabalho dentro de casa deveria ser dividido igualmente.

**DSC 10:** É perceptível que existe uma ordem de trabalhos que são definidas em trabalho de homem e trabalho de mulher. Isso é passado de geração para geração, a mãe do meu companheiro acostumou ele assim, ele não faz nada porque acredita que os serviços domésticos devem ser feitos por mulheres, então eu preciso fazer. A jornada que exercemos é muito pesada. Acordo cedo, deixo tudo pronto em casa, preciso pegar transporte público para trabalhar, levar as crianças para a escola, enfim, me organizar com absolutamente tudo que diz respeito ao espaço designado a mim, como mulher. Há muitas diferenças nos trabalhos ditos femininos e masculinos, o trabalho da mulher é sempre mais cansativo, mais desgastante e não podemos demonstrar fraqueza, precisamos estar sempre fortes para lidar com as situações do cotidiano, por isso, mulher que trabalha na pesca é guerreira. Alguns homens não entendem, são machistas por acharem que todas as obrigações domésticas devem ser feitas por mulheres, acredito que todas as tarefas deveriam ser divididas igualmente para que ninguém fique sobrecarregado fisicamente e psicologicamente.

**Ideia central 11:** Há conflitos no ambiente doméstico em relação ao trabalho realizado fora de casa. Os companheiros, exceto algumas exceções, não se demonstram favoráveis ao trabalho que as mulheres fazem fora de casa.

**DSC 11:** Os conflitos ocorrem de acordo com a situação familiar de cada pessoa. A ideia de passar tanto tempo fora de casa não agrada o meu companheiro, acredito que o motivo se dê pelo fato de que ficando mais tempo fora de casa, os trabalhos domésticos se acumulam e ele tampouco meus filhos, gostam da ideia de ter que cumprir esses afazeres. Há muitas discussões em relação ao trabalho fora de casa, eu preciso tomar a frente do problema e explicar os motivos para que haja cooperação nos trabalhos, as discussões muitas vezes tornam-se intensas, mas eu sempre consigo resolver.

**Ideia central 12:** Os conflitos são resolvidos geralmente com conversas e discussões, embora, em algumas situações o diálogo não seja suficiente.

**DSC 12:** Conversar com o companheiro não resolve o problema na maioria das vezes em que acontece esse tipo de conflito. Há muitas brigas, eu tento conversar e discutir, mas as tentativas muitas vezes são em vão. Por estar excluída da esfera do mercado de trabalho onde meu companheiro atua, a ideia

de que devo me subordinar aos trabalhos domésticos sem reclamações é muito nítida para ele e para a maioria dos homens. Não ter um trabalho formal me descaracteriza como profissional, o meu trabalho produtivo é precarizado e dentro de casa não é diferente, afinal, o trabalho doméstico realizado no ambiente familiar, não traz renda para a família.

**Ideia central 13:** A ajuda caso seja necessário, por algum motivo de doença e afins, vem por parte do companheiro e filhos (homens e mulheres). A família de forma geral se mantém afastada.

**DSC 13:** Não tenho um contato muito próximo com minha família, a ideia de ter a minha própria vida me afastou do convívio familiar. Meu apoio familiar vem principalmente do meu companheiro, filhos e filhas. É uma troca, enquanto estiver bem e saudável faço tudo que estiver ao meu alcance para manter a família unida e tudo funcionando bem em casa. Entretanto, se acaso eu ficar doente e precisar de amparo, eu posso contar com a ajuda do companheiro e filhos.

### **Perequê**

**Ideia central 1:** A atividade pesqueira está presente na maior parte das famílias. Para algumas mulheres foi a única opção encontrada para completar o orçamento de suas casas.

**DSC 1:** Trabalho nessa atividade há muito tempo, todos da família já trabalharam ou ainda trabalham em alguma das atividades da pesca. Eu gosto desse trabalho, sempre gostei de trabalhar na pesca. Eu já limpava o camarão em casa, com familiares, depois iniciei nas salgas, é uma alternativa que rende dinheiro para ajudar no orçamento de casa.

**Ideia central 2:** O aprendizado da atividade é adquirido de fontes variadas, entre amigas e familiares, em sua maioria com mulheres.

**DSC 2:** Aprendi desde cedo, observando as mulheres da minha família. Nas salgas nós ensinamos umas às outras, sempre que uma mulher que não trabalha na pesca precisa de uma renda extra, nós as chamamos para descabeçar o

camarão e aos poucos vão adquirindo conhecimento e desenvolvendo seu próprio ritmo de produção.

**Ideia central 3:** Os ganhos provenientes da atividade são divididos igualmente entre as trabalhadoras e seus companheiros

**DSC 3:** Na minha família, os ganhos financeiros advindos da atividade pesqueira são divididos de forma igualitária, porém, as realidades se diferem entre as mulheres da comunidade. Não são todas as mulheres que dividem despesas com seus companheiros. A maior parte das mulheres aqui do Perequê sustenta suas casas sozinha, muitos de seus companheiros estão desempregados e os poucos que possuem alguma fonte de renda, colaboram de acordo com o que recebem.

**Ideia central 4:** As mulheres são unidas e se ajudam de todas as formas necessárias.

**DSC 4:** O ambiente de trabalho é muito tranquilo. Aqui todas somos muito unidas, sempre que uma precisa, nós ajudamos, avisamos quando chega camarão, nos ajudamos com qualquer coisa que seja necessária, casa, trabalho, comida, nos respeitamos muito.

**Ideia central 5:** Não há conflitos no ambiente de trabalho, todas se apoiam durante o expediente.

**DSC 5:** Não há competição por trabalho, portanto, não há conflito. As patroas são muito legais conosco, fornecem lanche da tarde, uma pausa para descansar. Dessa forma, o local de trabalho torna-se um ambiente mais solícito e agradável para desenvolver nossas funções.

**Ideia central 6:** Os diferentes tipos de assédios ocorreram em outros lugares onde a gestão era feita por homens.

**DSC 6:** A ideia de que a mulher precisa se submeter a tarefas que os homens não fazem, contribui para que haja diferentes tipos de assédios. Aqui, nas salgas da comunidade eu nunca passei por nenhuma situação do tipo, mas em outros estabelecimentos onde a gestão era predominantemente ocupada por homens, sim. Já estive em regime de trabalho dobrado em comparação aos trabalhadores homens em outro lugar onde trabalhei. Os patrões acham que nós precisamos

trabalhar o dobro. Já trabalhei em uma oficina mecânica onde a minha capacidade profissional era sempre questionada, eu precisava provar meu valor o tempo todo, os homens acham que a mulher não é capaz de fazer as mesmas coisas que eles.

**Ideia central 7:** Conciliar os diferentes tipos de trabalho demanda muita energia, são muitos afazeres.

**DSC 7:** Já estamos acostumadas com essa correria, são tantas coisas pra fazer, cuidar da casa, marido, filhos. Tenho ajuda das filhas, comadre, enfim, uma rede de apoio composta apenas por mulheres, o companheiro não contribui. No entanto eu consigo lidar com isso, porque nós mulheres, nos adaptamos a diversas situações.

**Ideia central 8:** Não há divisão igualitária de trabalhos entre homens e mulheres.

**DSC 8:** Trabalho muito para sustentar minha casa, somos todas trabalhadoras. Em geral, dividimos a casa com outras mulheres, comadres, filhas, familiares, e assim dividimos todas as funções, nas famílias as quais há a presença de um companheiro (homem) os trabalhos domésticos recaem sobre as mulheres.

**Ideia central 9:** Há muitas diferenças entre os trabalhos femininos e masculinos.

**DSC 9:** Os homens não costumam contribuir nos serviços domésticos por designarem tais tarefas a nós, mulheres. Eles estabelecem esses trabalhos com uma função específica do gênero feminino. Meu trabalho é duplicado, trabalho fora de casa e ainda preciso cuidar de tudo que envolve o ambiente familiar, meu companheiro sempre espera que eu realize as tarefas domésticas, só há contribuição caso eu fique doente.

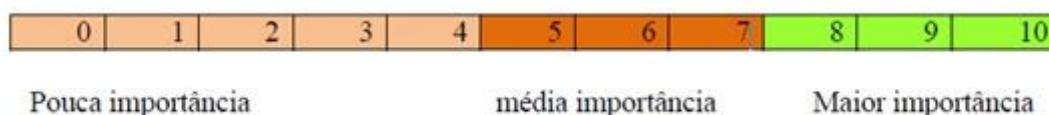
**Ideia central 10:** Há alguns conflitos dentro de casa devido o não cumprimento dos afazeres domésticos.

**DSC 10:** Os conflitos acontecem porque ninguém colabora, é a mesma cobrança sempre. Meus filhos e companheiro não me auxiliam em nada em casa, então, as vezes é preciso cobrar, com muitas discussões e conversa.

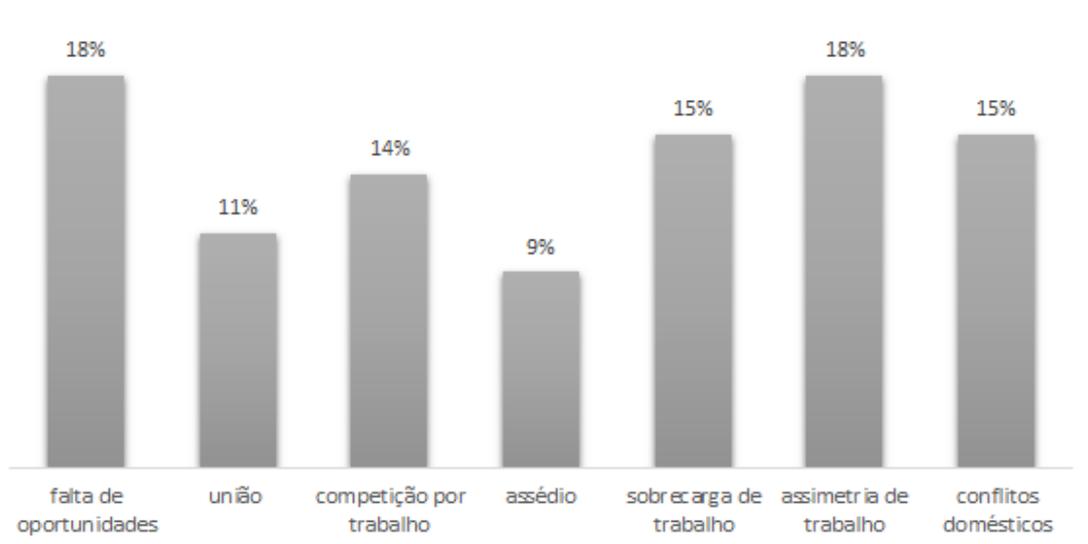
**Ideia central 11:** A ajuda é obtida unanimemente de mulheres, mães, irmãs, filhas e amigas.

**DSC 11:** Nós, mulheres, temos a tendência de nos ajudar quando há necessidade. Em caso de doenças ou qualquer problema que eu tiver eu posso contar com essa rede de apoio composta totalmente por mulheres.

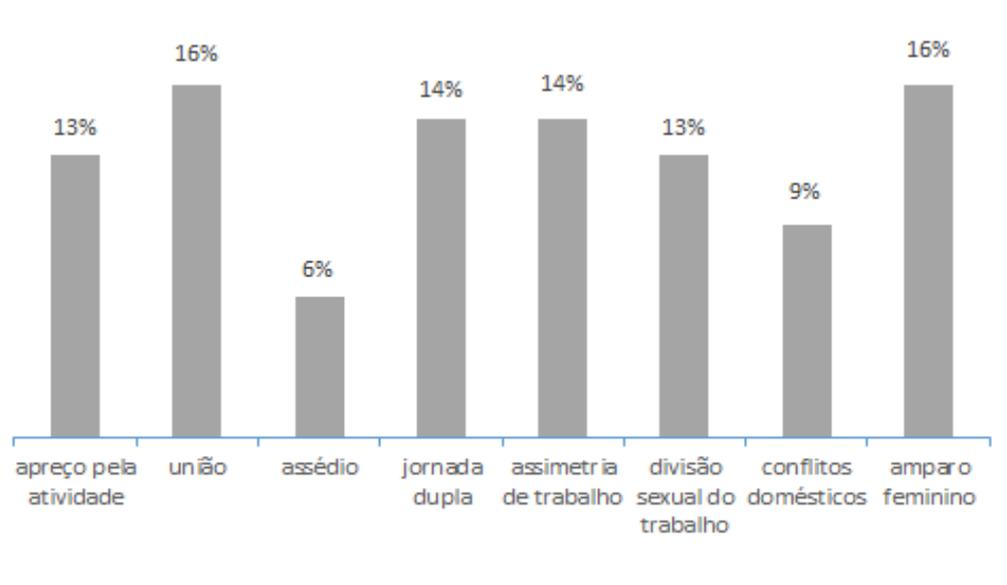
Escala de percepção da atividade: “Quão importante você acredita que seja o trabalho da mulher na atividade de pesca?”



Nas respostas obtidas com a pergunta acima, 86% das interlocutoras da comunidade do Rio do Meio responderam “10, muita importância”, enquanto na comunidade do Perequê 100% das interlocutoras responderam “10” e enfatizaram a importância do trabalho que exercem: *“Eu acho que é muito importante, porque pra chegar na mesa limpo, alguém tem que descabeçar né? Pra chegar numa mesa ou numa banca de venda de camarão fresco, ou frito na hora alguém tem que vir aqui limpar”* (E.S. 18). Os gráficos abaixo (Figuras 1 e 2), representam a frequência relativa das ideias centrais coletadas nos diferentes tipos de DSC das comunidades do Rio do Meio e Perequê.



**Figura 1.** Representação das ideias centrais obtidas nos DSC da comunidade do Rio do Meio.



**Figura 2.** Representação das ideias centrais obtidas nos DSC da comunidade do Perequê.

## DISCUSSÃO

Em ambas comunidades que participaram desse estudo, foi possível notar certa defasagem de reconhecimento profissional nos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres. A abordagem qualitativa adotada nas entrevistas nos permitiu identificar diversos aspectos que podem caracterizar a interseccionalidade entre essas mulheres. Por exemplo, a assimetria entre os trabalhos feitos por homens e mulheres as quais condizem com as relações interseccionais de poder (NOVAK *et al.*, 2017) entre indivíduos distintos. Nesse estudo, o eixo central das análises foi gênero, as mulheres da pesca.

O conceito de interseccionalidade foi cunhado por Crenshaw (1989) para descrever as opressões e subordinações vividas por mulheres negras. Nossos resultados não correspondem a característica principal do conceito por não centralizar a questão racial, entretanto, reconhecemos a importância de enfatizar a relevância de estudos sob a perspectiva interseccional em pesquisas sobre gênero na cadeia de pesca. As pesquisas com abordagem interseccional podem enfatizar a importância dos estudos sobre identidade de grupos, gênero, raça, classe e outros aspectos relevantes no setor pesqueiro.

LOKUGE & HILHORST (2019), utilizaram a teoria da interseccionalidade para analisar como as categorias sociais: gênero, raça e etnia criam as desigualdades estruturais em três comunidades pesqueiras no Sri Lanka. Os resultados das autoras identificaram a invisibilidade das mulheres (foco do estudo), frente aos órgãos públicos de gestão da Pesca e comprovaram que independente de raça e etnia, as mulheres são excluídas em espaços relacionados a pesca, com base em tabus culturais de gênero, em práticas institucionalizadas, bem como sua exclusão nos órgãos de gestão e estatísticas oficiais.

Nesse sentido, os discursos individuais transformados em voz coletiva no nosso trabalho, correspondem com os dados sobre exclusão das mulheres nos espaços do setor pesqueiro e revelam a invisibilidade do trabalho feminino no setor de processamento do pescado na Baixada Santista. Nossos resultados ainda corroboram com as críticas sociais expostas por LOKUGE & HILHORST

(2019), as quais evidenciam a necessidade da atenção a esse grupo de trabalhadoras principalmente por parte dos órgãos públicos.

Dentre as categorias que surgiram nas respostas dos discursos, a falta de oportunidades para as pessoas que vivem em regiões periféricas na zona costeira, principalmente mulheres, aparece como um fator agravante que interfere diretamente na condição de vida das trabalhadoras. Como descrito por Koralagama *et al.* (2017), os aspectos que caracterizam o fenômeno da invisibilidade do trabalho feminino, como, divisão sexual do trabalho, discriminação de gênero, falta de acessibilidade e relações de poder, são fatores que dificultam o desenvolvimento principalmente sustentável em comunidades pesqueiras marginalizadas. As ideias centrais dos discursos-síntese (falta de oportunidades, conflitos, assédio, divisão desigual e sobrecarga de trabalhos) podem interagir entre si, moldando a concepção de identidade e pertencimento das mulheres, bem como suas percepções sobre o ambiente de trabalho.

Uma categoria significativa dos discursos foram os conflitos de maneira geral. Embora os conflitos domésticos se diversifiquem de acordo com a família por exemplo, a divisão desigual de trabalhos produtivos e reprodutivos (SALMI & SONCK-RAUTIO, 2018; NEIS & GRZETIC, 2005 HIRATA & KERGOAT, 2007), é notadamente uma questão coletiva das trabalhadoras. As vivências e experiências entre as mulheres podem ser diversificadas, no entanto, a síntese dos discursos demonstram a necessidade da inclusão de questões de gênero em estudos científicos, para uma melhor compreensão da dinâmica de uma comunidade pesqueira. Nesse sentido, Novak *et al.* (2017) indicaram que a falta de inclusão de gênero em movimentos de engajamento e estudo científicos, pode limitar a aprendizagem e a forma como um indivíduo se adapta a determinada situação.

Diante desse contexto, além do conceito de interseccionalidade relacionado às opressões vividas pela mulher em relação ao homem na atividade de pesca, outros aspectos precisam ser levados em consideração para que possamos compreender a “hierarquia” do setor de processamento do pescado. Nos relatos das entrevistadas, observamos que as descascadeiras se sentem desvalorizadas como trabalhadoras da pesca. No entanto, destacaram o sentimento de mulher “guerreira”, percebem a importância do trabalho que

exercem, mas considerando uma pirâmide de opressões elas se percebem na base.

Assim como as descascadeiras das comunidades do Rio do Meio e do Perequê, as marisqueiras também vivenciam o fenômeno da invisibilidade e desvalorização de seu trabalho. Nunes & Garcia (2019) analisaram o trabalho das marisqueiras do Recanto do Ipiranga (RJ) através de entrevistas e observação participativa, acompanhando todo o processo artesanal de produção do pescado. Em suas análises evidenciaram que as entrevistadas se reconheciam como trabalhadoras e valorizavam seu trabalho, entretanto, tal como em nosso estudo, compreendem e lamentam que o processo de produção exercido por elas não é reconhecido.

Thorpe *et al.* (2014) afirmam que a invisibilização das mulheres que trabalham no processamento pode ocorrer devido a desequilíbrios de poder (institucionais) ou de condições pré-estabelecidas de gênero, na qual as responsabilidades domésticas atribuídas as mulheres ocupam grande parte de seu tempo e conseqüentemente prejudicam sua capacidade de acumular bens. Ou seja, as opções de trabalho que comportam essa realidade são aquelas que exigem menos capital (THORPE *et al.*, 2014). A relação entre gênero e classe nessa condição, segundo os autores é que a limitação de acesso a recursos inibe a ascensão de classe. Os autores também ressaltaram que os fatores gênero e classe, tem influência direta no acesso à cadeia de abastecimento e distribuição do pescado. Isso significa que as mulheres têm acesso reduzido ao produto final que produzem. Elas agregam valor ao produto na etapa de beneficiamento mas raramente têm acesso ao consumo desse pescado.

As mulheres que trabalham de maneira informal na pesca podem ser submetidas a condições precárias de trabalho por inúmeros motivos. No caso dos grupos estudados, pela falta de oportunidades de dar continuidade nos estudos, por ter que cuidar da casa e da família em tempo parcial ou por discriminação social, esses elementos também podem ser um agravante no que diz respeito ao engajamento e empoderamento das trabalhadoras. Nessa perspectiva, Lawless *et al.* (2019) constataram em seu trabalho realizado em três comunidades nas ilhas Salomão, que as normas e relações de gênero na pesca interferem no acesso a meios de subsistência, na participação de mulheres em espaços de engajamento e ainda, no acesso a novas oportunidades de

benefícios. Em relação a limitação da inserção da mulher no mercado de trabalho, os autores afirmam que está relacionada a intensificação simultânea das demandas de tempo e trabalho

Além dos exemplos de fenômenos que representam o trabalho feminino citados acima, a ausência de percepção de identidade de grupo e pertencimento à cadeia produtiva de pesca, também podem contribuir para que questões importantes sobre divisão sexual do trabalho passem despercebidas. Quando questionadas sobre assédio por exemplo, se alguma vez passaram por esse tipo de constrangimento no trabalho, uma das entrevistadas responde: “*Não. Porque esse trabalho de manipuladora já é pra mulher né*”. Afirmações como essa, reiteram a necessidade da articulação de mulheres em movimentos de base (LOPES *et al.*, 2020) para que se percebam como sujeitos pertencentes e que seu papel no setor pesqueiro seja desenvolvido de modo inclusivo e não subordinado. Um exemplo de movimento articulado por pescadoras é a “Articulação Nacional das Pescadoras do Brasil” (ANP), fundada em 2006. O grupo fundado em Pernambuco possui diversas bandeiras de luta, mas a principal é a saúde da mulher no trabalho. Movimentos de engajamento muitas vezes promovem discussões sobre temas os quais as mulheres talvez não tenham consciência da importância.

A abordagem que utilizamos nessa pesquisa mostrou-se importante no sentido de dar voz as narrativas de mulheres que estão as margens de políticas públicas do setor pesqueiro. As etapas metodológicas necessárias para a construção dos DSC, envolvem análises detalhadas do conteúdo das respostas, agrupamento de discursos por semelhança semântica (FIGUEIREDO *et al.*, 2013) e, assim, a construção dos discursos-síntese. Os processos metodológicos dessa análise constituem uma série de operações de abstração que são interpretadas pelo pesquisador e transformadas em produção científica.

Embora o DSC não seja uma análise comum nas pesquisas da área de recursos pesqueiros, nossos resultados demonstraram que a aplicabilidade desse método pode ser uma ferramenta de análise pertinente na geração de dados qualitativos relevantes para o setor. Dentre as pesquisas que utilizaram esse método, Mariz *et al.* (2014) descreveram o uso de iscas pelos pescadores artesanais marinhos de Recife – PE e identificaram nas ideias centrais da análise, estratégias diferenciadas para a captura de iscas, além de descrever o

método como uma ferramenta metodológica que torna as representações sociais mais expressivas, sem reduzi-las. Dessa maneira, podemos afirmar que o método propõe possibilidades de interações mais aprofundadas entre o sujeito da pesquisa e o pesquisador, além de uma percepção holística através da visão de quem fornece os dados. Em consonância com a aplicabilidade do método descrita acima, o trabalho de Goulart (2007) apresenta de forma detalhada a importância da aplicabilidade do método em seu estudo com um grupo de mulheres, a maioria pescadoras com mais de 60 anos, com histórias de vida comunitária significativa na comunidade de Diogo Lopes em Macau/RN. A autora destaca a importância de realizar análises quali-quantitativas, explicando: “A abordagem quali-quantitativa, se destina, entre outros objetivos, ao redimensionamento das estratégias de ação na pesquisa considerando as limitações dos modelos qualitativos e quantitativos quando empregados em separado, apresentam”. Nesse contexto, Silva (2013) propôs a análise do “discurso do sujeito coletivo” para descrever as representações sociais em saúde e doença de pescadores e marisqueiras da comunidade Diogo Lopes - RN.

No sentido de contribuir na integração de informações a nível de comunidade, Bennet (2019) reforça a ideia da interdisciplinaridade de análises (quantitativas e qualitativas) no campo das ciências do mar, que envolvem meio ambiente e sociedade. Portanto, destacamos a importância da implementação de dados qualitativos com abordagem de gênero nas pesquisas do setor pesqueiro, com o propósito de abranger as dificuldades inerentes a atividade de pesca as quais as mulheres, parcela fundamental do setor, são submetidas constantemente.

## **CONCLUSÃO**

A subrepresentatividade das mulheres na pesca demonstrada nesse trabalho, expressa que há muitos esforços a serem feitos em diversas áreas do conhecimento para que esse cenário se transforme. Com esse trabalho foi possível concluir que o debate sobre divisão sexual do trabalho e a invisibilidade do trabalho feminino na pesca, devem ser disseminados em espaços acadêmicos. Embora haja estudos e debates sobre os temas abordados, ainda são escassos instrumentos que possibilitem o reconhecimento legítimo do trabalho exercido pelas mulheres no processamento do pescado.

Por fim, destacamos que para que haja o reconhecimento da mulher pescadora na sociedade, é preciso desconstruir a ideia de que a mulher é um sujeito secundário em todos os setores que ocupam. É preciso valorizar de maneira legítima as representações do trabalho feminino em ambas as esferas (produtivas e reprodutivas), para que no âmbito de políticas públicas, possamos ultrapassar e vencer os obstáculos patriarcais historicamente posicionados na sociedade.

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus orientadores por todo apoio, suporte e prontidão para me auxiliar ao longo dessa pesquisa. Dedico minha imensa gratidão a todas as mulheres que fizeram parte desse trabalho, que me receberam e permitiram que eu participasse de suas rotinas apesar de todas as dificuldades que elas enfrentam para estar ali. Aos pescadores que me receberam de braços abertos em suas comunidades auxiliando na inserção do ambiente de trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allison, E. H., & Ellis, F. (2001). **The livelihoods approach and management of small-scale fisheries.** *Marine Policy*, 25(5), 377-388.
- Araújo, S. H. D. A. M., & Parente, T. G. P. G. (2016). **(In) visibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero em Miracema do Tocantins-TO.** *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, 4(2), 177-199.
- Beck, A. M. (1991). **Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina.** *Revista de Ciências Humanas*, 7(10), 8-24.
- Bennett, N. J. (2019). **Marine social science for the peopled seas.** *Coastal Management*, 47(2), 244-252.
- Cavalcanti, D. M. (2008). **Entre a casa e a pesca: discutindo gênero e pesca feminina no litoral Paraibano.** *Florianópolis, Brasil. Recuperado em*, 2.
- Crenshaw, K. (1989). **Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.** *u. Chi. Legal f.*, 139.
- de Sousa, W. L., de Oliveira Monte, L. D. F., da Silva, R. E., & Vieira, T. A. (2018). **Protagonismo socioeconômico das pescadoras artesanais do bairro Pérola do Maicá, em Santarém Pará.** *Revista Ciências da Sociedade*, 2(4), 143-161.
- Diegues, A. C. S., (1983) **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar,** São Paulo, Ática.
- Figueiredo, M. Z., Chiari, B. M., & de Goulart, B. N. (2013). **Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualitativa.** *Distúrbios da Comunicação*, 25 (1).
- Fonseca, M., Alves, F., Macedo, M. C., & Azeiteiro, U. M. (2016). **O papel das mulheres na pesca artesanal marinha: estudo de uma comunidade pesqueira no município de Rio das Ostras, RJ, Brasil.** *Revista de Gestão Costeira Integrada*, 16(2), 231-241.
- Frangoudes, K., & Gerrard, S. (2019). **Gender perspective in fisheries: examples from the South and the North.** In: *Transdisciplinarity for small-scale fisheries governance* (pp. 119-140). Springer, Cham.

- Galvão, M. C. (2013). **Diálogos entre gênero, gestão e educação ambiental: os papéis das mulheres nos modos de vida na pesca artesanal.** (Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Rio Grande – FURG). Disponível em: <<http://www.repositorio.furg.br/handle/1/6090>> Acesso em: 22.set.2018.
- Goulart, L. L. (2007). **O canto das senhoras: Análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) de velhas mulheres da Ponta do Tubarão, no Rio Grande do Norte** (Master's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).
- Harper, S., Zeller, D., Hauzer, M., Pauly, D., & Sumaila, U. R. (2013). **Women and fisheries: Contribution to food security and local economies.** *Marine policy*, 39, 56-63
- Hirata, H. (2002). **Globalização e divisão sexual do trabalho.** *Cadernos pagu*, (17-18), 139-156.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** *Cadernos de pesquisa*, 37(132), 595-609.
- Koralagama, D., Gupta, J., & Pouw, N. (2017). **Inclusive development from a gender perspective in small scale fisheries.** *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 24, 1-6.
- Lefèvre, F., Lefèvre, A. M. C., & Teixeira, J. J. V. (2000). **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa.** In *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa* (p. 138-138).
- Lefevre, A. M. C., Crestana, M. F., & Cornetta, V. K. (2003). **A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização "Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU", São Paulo-2002.** *Saúde e Sociedade*, 12(2), 68-75.
- Lefevre, F., Lefevre, A. M. C., & Marques, M. C. D. C. (2009). **Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 1193-1204.
- Lefevre, F., Lefevre, A. M. C., Cornetta, V. K., & de Araújo, S. D. T. (2010). **O discurso do sujeito coletivo como eu ampliado: aplicando a proposta**

- em pesquisa sobre a pílula do dia seguinte.** *Journal of Human Growth and Development*, 20(3), 798-808.
- Lokuge, G., & Hilhorst, D. (2017). **Outside the net: Intersectionality and inequality in the fisheries of Trincomalee, Sri Lanka.** *Asian Journal of Women's Studies*, 23(4), 473-497.
- Lopes, P. F., Freitas, C. T., & Begossi, A. (2020). **A mulher e a pesca: um olhar sobre a pesquisa e a atuação feminina pesqueira no Brasil.** *Ethnoscintia*, 5 (1).
- Mariz, D., de Souza, A. C. F. F., Ferreira, S., Teixeira, S. S. C., Lucena, R. F. P., & da Nóbrega Alves, R. R. (2014). **“Todo peixe no mar come e é comido”:** o discurso do sujeito coletivo sobre o uso de iscas pelos pescadores artesanais marinhos de Recife (Pernambuco, Brasil). *Gaia Sci.(Special Edition)*, 51-61.
- Motta-Maués, M. A. (1993). **"Trabalhadeiras" & "camarados": relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica.** Editora Universitária UFPA.
- Neis, B., & Grzetic, B. (2005). **Environmental, industrial, and political restructuring and the health of women processing workers in Newfoundland's fishery-dependent communities.** *This elusive land: women and the Canadian environment.* UBC Press, Vancouver, Canada, 82-101.
- Nunes, E., & Garcia, M. (2019). **Marisqueiras do Recanto do Ipiranga: a pesca artesanal como prática de resistência da vida e autonomia das mulheres.** *Khóra: Revista Transdisciplinar*, 6(7).
- Thorpe, A., Pouw, N., Baio, A., Sandi, R., Ndomahina, E. T., & Lebbie, T. (2014). **“Fishing Na Everybody Business”:** Women's work and gender relations in Sierra Leone's fisheries. *Feminist Economics*, 20(3).
- Woortmann, E. F. (1991). **Da Complementaridade à Dependência: a mulher e o ambiente em comunidades pesqueiras do Nordeste.** *Série Antropologia*, Brasília, v. 111, p. 1-115, 199

## ANEXO

### PARTE A. PERFIL SOCIOECONÔMICO, CONDIÇÕES DE VIDA E CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO

Entrevistadora: Data da entrevista: //

#### 1. Socioeconomia e qualidade de vida:

1. a) Nome da entrevistada:

1. b) Endereço e contato:

---

1.c) Data de nascimento:

1.d) Local de nascimento:

1.e) Há quanto tempo mora na comunidade?

1.f) Quantos anos estudou:

1.g) Por que parou de estudar?

---

1.h) Estado civil: ( ) solteira ( ) amasiada ( ) casada ( ) divorciada ( ) viúva ( ) outro

1.i) Quantos membros da família têm renda, além de você?

1.j) Tem dependentes (filhos, idosos, deficientes, etc)?

( ) Sim ( ) Não

1.k) Quantos no total?

1.l) Quantos são menores de idade?

#### 2. Condições de moradia:

( ) própria ( ) alugada ( ) cedida ( ) de parentes

( ) casa de alvenaria ( ) casa de madeira ( ) palafita ( ) outras

Descrever: \_\_\_\_\_

---

2. a) A pesca é a única fonte de renda? ( ) Sim ( ) Não

2. b) Se não, qual(s) a(s) outra(s) fonte(s)? Qual a principal?

---

2. c) Quanto consegue ganhar com a atividade pesqueira?

• Valor para baixa temporada R\$ \_\_\_\_\_

• Valor para alta temporada R\$ \_\_\_\_\_

• Quanto consegue ganhar com a(s) outra(s) atividade(s)? R\$ \_\_\_\_\_

2. d) Os homens ganham o mesmo que as mulheres pelo trabalho na pesca?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei

2. e) Sabe dizer os valores?

---

#### 3. Acesso a serviços e programas públicos:

( ) energia elétrica registrada ( ) energia elétrica “gato” – ligação ilegal

**3. a) Saneamento básico:** ( ) coleta e tratamento de esgoto ( ) água encanada potável ( ) coleta de lixo ( ) controle de pragas ( ) atendimento à saúde ( ) creche para os filhos ( ) bolsa-família ou bolsa-escola ( ) escola pública para os filhos ( ) segurança pública - atendimento policial ( ) outros. Quais?

---

---

**3. b) Participa de algum órgão de representação da categoria?**

( ) Colônia de Pescadores ( ) Associação ou Cooperativa ( ) Outro. Qual?

---

**3. c) Tem todos os documentos?** ( ) sim ( ) não. Qual falta?

---

**3. d) Você tem carteira de pescador (RGP)?** ( ) Sim ( ) Não ( ) teve, mas não está ativa

Nº RG \_\_\_\_\_ Nº CPF \_\_\_\_\_ Nº

RGP \_\_\_\_\_

**3. d) Já recebeu seguro-defeso?**

( ) não ( ) sim. Quantas vezes? \_\_\_\_\_ Quando foi a última vez (ano)? \_\_\_\_\_

Por qual espécie?

---

**3. e) Tem carteira de trabalho assinada (é registrada, é “fichada”, é assalariada)?**

( ) Sim ( ) Não

Se não, qual é o regime de trabalho?

( ) totalmente informal ( ) por produção ( ) por temporada

( ) outro.

Explique

---

---

**3. f) Recolhe o INSS?** ( ) Sim ( ) Não

Tem algum benefício trabalhista? (dar exemplo: férias, 13º salário, auxílio doença, seguro desemprego)

---

---

**4. Caracterização laboral:**

**4. a) Há quanto tempo trabalha na atividade pesqueira?**

---

**4. b) Quais atividades do ciclo de pesca realiza?**

( ) Confecção e reparo de rede e petrechos de pesca

( ) Extrativismo de pescado em terra (cata de crustáceos, moluscos, etc.)

( ) Captura de pescado embarcada

( ) Processamento do pescado

**4. c) Em que local costuma realizar o seu trabalho da atividade pesqueira?**

( ) em casa

( ) na salga de camarão

- na indústria
- na peixaria
- outro. Qual? \_\_\_\_\_

**4. d) Quais as principais espécies que manipula?**

---

---

**4. e) Que operações executa?**

- evisceração e descabeçamento de peixe  filetagem de peixe
- limpeza de camarão – descasque, descabeçamento e retirada da veia
- embalagem de pescado
- venda de pescado a granel
- outro. Qual? \_\_\_\_\_

**4. f) Pode fazer uma estimativa da sua produção? (pode ser kg/mês ou outra unidade de produtividade, de acordo com o tipo de trabalho feito.**

**4. g) Já teve ou tem algum problema de saúde relacionado ao trabalho que executa na atividade pesqueira? ( ) Não ( ) Sim.**  
Quais? \_\_\_\_\_

**4. h) Quem dá assistência no caso de acidentes de trabalho?**

**4.i) Que direitos tem usufruí como trabalhadora da pesca (no caso, por exemplo, de um afastamento por saúde ou gravidez)**

---

---

Observações

---

---

---

**PARTE B. PERCEPÇÕES DE TRABALHO**

**1. Por que resolveu trabalhar com a atividade pesqueira?**

---

---

**2. Com quem aprendeu o trabalho?**

---

**3. A atividade pesqueira é trabalho de toda a família? ( ) SIM ( ) NÃO**

**3. a) Se sim, de que forma o trabalho é dividido e como são divididos os ganhos?**

**4. Você tem companheiras de trabalho? ( ) SIM ( ) NÃO**

**4. a) Elas são unidas, se ajudam? De que forma?**

**5. Há conflitos no ambiente de trabalho? ( ) SIM ( ) NÃO**

**5. a) Quais e com quem?**

---

---

**6. O que você faz para superar esses conflitos?**

---

---

**7. Já sofreu algum tipo de assédio no trabalho por ser mulher? (No caso, assédio moral ou sexual, será necessário explicar o que é cada um)**

---

---

---

**8. Como concilia o trabalho doméstico com o trabalho pesqueiro?**

---

---

---

**9. Como é a divisão de trabalho doméstico em sua casa? (se a pescadora recebe ajuda, é importante anotar o gênero da pessoa que ajuda)**

---

---

**10. Percebe diferenças entre o trabalho doméstico feminino e o masculino? De que forma?**

---

---

---

**11. Há conflitos em casa, por causa do trabalho doméstico e/ou trabalho “fora de casa”? Quais?**

---

---

---

**12. O que é feito para superar esses conflitos?**

---

---

---

**13. Quem te ajuda quando precisa, por estar doente ou por outro motivo e como se dá essa ajuda?**

---

---

---

---

14. Em uma escala de 0 a 10, o quão importante você acredita que o trabalho das



Pouca importância

média importância

Maior importância

**ESSE É O FINAL DA ENTREVISTA, OBRIGADO POR SUA PARTICIPAÇÃO!  
VOCÊ GOSTARIA DE COMPARTILHAR MAIS ALGUMA INFORMAÇÃO  
SOBRE ESTE ASSUNTO QUE NÃO FOI CONSIDERADO NAS PERGUNTAS?**